

OXIGÊNIO

JULHO 2025

o

NÚMERO 71

CORES, CORPOS E DIREITOS:
A ARTE DA RESISTÊNCIA LGBTQIA+



EDITORIAL

A ARTE DA RESISTÊNCIA

Em 2011, em ação julgada pelo Supremo Tribunal Federal, o país passou a reconhecer plenamente a união entre pessoas do mesmo sexo para fins civis; em 2017, a atuação do MPF promoveu a assinatura de um termo de ajustamento de conduta (TAC) com o Santander Cultural, garantindo a realização de eventos artísticos focados em diversidade e Direitos Humanos, após o polêmico caso do encerramento precoce da exposição “*Queermuseu*”, devido a reações conservadoras na capital Gaúcha.

Cópias dos documentos emblemáticos dessas ações formam o percurso poético da mostra *Cores, corpos e direitos: a arte da resistência LGBTQIA+* (capa desta edição), em cartaz no Memorial da Procuradoria da República no Rio de Janeiro. Com curadoria dos procuradores da República Fabiana Schneider, Lucas Costa Almeida Dias e Sergio Suiama, a exposição também promove a reflexão sobre a inclusão e combate à discriminação por meio da arte de diversos artistas.

A fotografia de Alexandre Perroca, que apresenta uma mulher trans em uma calçada, com uma placa de trânsito com o símbolo de “*proibido parar*” ao fundo; a imagem de Ney Matogrosso em uma de suas icônicas performances – que desafia o público, encarna a ousadia e a quebra de paradigmas – captada pela lente de Madalena Schwartz; a obra de Leonilson, artista que esboçava de forma delicada e intensa a questão da homossexualidade em seus trabalhos; e *Good boys go to heaven, bad boys go everywhere*, de Renato Bezerra de Mello, anjos construídos a partir de uma coleção de revistas masculinas gay, são bons exemplos.

Boa leitura!

Capa: Marcelo Del Negri e Tatiana Pollo Flores – *Por amor à re(existência)*

Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

ÍNDICE

04

OXIGENE: *A Boca que Tudo Come Tem Fome (Do Cárcere às Ruas)* | Belo Horizonte e Rio de Janeiro recebem o musical *Clara Nunes – A Tal Guerreira* | Marisa Orth e Miguel Falabella juntos na comédia romântica *Fica Comigo Esta Noite* | No Theatro Municipal de São Paulo ópera double bill, com Puccini e Strauss, em reflexão sobre a guerra | Flávia Reis faz estreia paulistana da comédia *Neurótica!* | Uma Casa de Boneca | Edições Sesc lançam *O Devorador: Zé Celso, vida e arte*

19

MATÉRIA DE CAPA: *Cores, Corpos e Direitos – A Arte da Resistência LGBTQIA+*

30

A essência da obra de Rochelle Costi na Luciana Brito Galeria, SP

34

Flecha, de Mercedes Lachmann, ocupa a Casa França-Brasil, RJ

39

Vik Muniz – A Olho Nu

44

Primeira individual de José Manuel Ballester na DAN Galeria Contemporânea, SP

46

O Canto da Vila

49

Mostra antológica de Neide de Sá e panorâmica de Flávio Império na Pinacoteca de São Paulo

56

Regina Silveira pela primeira vez em Salvador

60

DIRETO DE LONDRES: O sussurro dos bastidores

65

CURTINHAS: Lalin Witch, no Espaço Cultural Correios Niterói, RJ | Celina Portella e Felipe Góes, na Zipper Galeria, SP | Teca Sandrini no Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, PR | “Quimera”, de Fernando Lindote, na Anita Schwartz, RJ | *Direito ao afeto*, de Panmela Castro, na Lagoa Rodrigo de Freitas, RJ

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

A Boca que Tudo Come Tem Fome (Do Cárcere às Ruas)



Foto: José de Holanda

Sesc 14 Bis apresenta nova montagem da Companhia de Teatro Heliópolis que aborda a vida pós-cárcere. A dramaturgia é assinada por Dione Carlos e a encenação é de Miguel Rocha, fundador da companhia

A Companhia de Teatro Heliópolis estreia o espetáculo no dia 10 de julho, quinta-feira, no Sesc 14 Bis, às 20h. A montagem – que aborda a vida e os obstáculos enfrentados por pessoas egressas do sistema prisional – fica em cartaz de quinta a domingo, até o dia 3 de agosto.

Com dramaturgia de Dione Carlos e encenação de Miguel Rocha, *A Boca que Tudo Come Tem Fome (Do Cárcere às Ruas)* joga luz sobre “o que significa recuperar a liberdade?” Em cena, seis pessoas que passaram pelo sistema prisional brasileiro têm suas trajetórias entrelaçadas. Diante das dificuldades de reinserção social e reconstrução da própria vida, cada uma delas, a seu modo, tenta encontrar uma saída.

As marcas do período que passaram atrás das grades permanecem na memória, no corpo e nos afetos. Exu, o orixá das encruzilhadas e destrancador dos caminhos, aparece como uma presença provocativa ao despertar naqueles sujeitos a fome por novos começos e a avidez por dignidade.

A encenação de Miguel Rocha se dá em um espelho d’água, uma cenografia de Telumi Hellen, que usa a simbologia do deságue para o momento em que o egresso sai da prisão, quando percebe tudo como novo. O reflexo reporta ao aprisionamento das emoções, às vivências e memórias que afloram quando “a liberdade canta”.

“A saída da prisão é um desaguar. A força da água tanto pode purificar como ser violenta, e o reflexo na água pode ser espelho que leva as personagens a encararem a própria situação”, comenta o encenador Miguel Rocha.

Este é o ponto de partida para a imersão na realidade que se apresenta, nos obstáculos que enfrenta o sobrevivente do sistema carcerário para reafirmar a própria cidadania. “O cárcere não termina no cárcere”, é o que constatam as personagens que carregam o estigma de

serem ex-detentos/tas, com o ônus de uma multa prisional a ser paga, com as dificuldades para reativar a documentação, os hábitos e experiências adquiridos na prisão, além dos fatores emocionais consequentes e os desafios e as armadilhas da liberdade que não raramente os levam à reincidência.

“O olhar do Estado e da sociedade para as questões relativas à vida após o desencarceramento ainda é muito restrito, inviabilizando a possibilidade de se viver dignamente”, comenta Miguel Rocha. “É fato que esse é um processo circular com as mesmas pessoas; as mazelas sociais se repetem nesse lugar de violência e invisibilidade, o que acaba sendo um entrave para a transformação. É preciso fugir desse ciclo para que haja mudanças. Nosso trabalho busca compreender e refletir sobre esse contexto histórico-social”, completa o encenador.



A Companhia de Teatro Heliópolis sempre trabalha com a perspectiva de histórias humanas, onde a experiência estética é alinhada ao discurso. O texto, a música ao vivo, o figurino, o corpo em cena, a luz e as imagens criadas colaboram para a expansão do discurso. “Nosso desafio não é somente contar a história, mas como contá-la. O que fazemos é teatro, então procuramos extrair a poesia contida mesmo nos temas mais densos para propiciar ao expectador experiência artístico-poética”, afirma Miguel Rocha.

A Boca que Tudo Come Tem Fome é resultado do projeto *Do Cárcere às Ruas: O Estigma da Vida Depois das Grades*, cuja pesquisa busca compreender as consequências do aprisionamento nas tentativas de adaptação fora da prisão e na reconstrução das vidas. Para

se aprofundar no tema, a Companhia de Teatro Heliópolis realizou entrevistas com egressos na comunidade de Heliópolis e em instituições de acolhimento e de ativismo em prol do desencarceramento e abolicionismo penal, além de debates abertos ao público.

SERVIÇO

A Boca que Tudo Come Tem Fome (Do Cárcere às Ruas)

Estreia: 10 de julho – quinta, às 20h

Temporada: até 3 de agosto

Sesc 14 Bis – Teatro Raul Cortez

Rua Dr. Plínio Barreto, 285, Bela Vista, São Paulo / SP

Dias/Horários: quinta a sábado, às 20h; domingo, às 18h

Ingressos: R\$ 60 (inteira); R\$ 30 (meia); R\$ 18 (Credencial Sesc)

Vendas: online pelo site sescsp.org.br/14bis e

presencialmente nas bilheterias das unidades do Sesc São Paulo

Classificação: 14 anos | *Duração:* 135 minutos



Foto: Priscila Prade

Belo Horizonte e Rio de Janeiro recebem o musical *CLARA NUNES A TAL GUERREIRA*

*Espectáculo de Jorge Farjalla chega
às capitais mineira e carioca
com Emanuelle Araújo no papel título*

Clara Nunes, uma das maiores cantoras do Brasil, tem seu legado resgatado neste musical que revisita aspectos da liberdade artística, religiosa e poética da artista, transformando sua obra e sua vida em uma verdadeira celebração à brasilidade. As curtíssimas temporadas acontecem em Belo Horizonte (Grande Teatro Cemig – Palácio das Artes), de 18 a 20 de julho, e no Rio de Janeiro (Grande Sala – Cidade das Artes), de 08 a 31 de agosto.

Nas apresentações em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, Vanessa da Mata (uma das idealizadoras do projeto) abre alas e passa o bastão para Emanuelle Araújo viver Clara Nunes, uma das mais notáveis intérpretes do samba brasileiro.

“Minha admiração por Clara Nunes é imensa. Todas as vezes que estive próxima a sua energia em outros trabalhos me emocionei muito. Receber esse convite me trouxe muita alegria, e protagonizar este lindo musical, que reverencia uma das maiores cantoras de todos os tempos, é um chamado e tanto. Agora é dedicação total”, declara Emanuelle.

Com direção e encenação de Jorge Farjalla, texto de André Magalhães e Jorge Farjalla, *Clara Nunes – A Tal Guerreira* traz aos palcos aspectos da vida da artista que passam por suas raízes em Minas Gerais; seu encontro com o sincretismo religioso do Brasil (o candomblé, a umbanda e o catolicismo); seus amores; e sua música, que flutua por diversos ritmos brasileiros, inclusive, o samba de sua amada Portela. Tudo costurado por intermédio de sua parceira e amiga confidente Bibi Ferreira (Carol Costa).

“Construir e dirigir esse espetáculo é um dos maiores orgulhos de minha carreira. Eu e André Magalhães fizemos uma vasta pesquisa em toda a riquíssima carreira fonográfica e cênica de Clara Nunes. Durante esse processo, tivemos a ideia de compor suas letras e músi-



Foto: Priscila Prade

cas geniais de uma forma diferente da tradicional do teatro musical. No espetáculo, elas são inseridas de duas maneiras: como momentos solos e únicos, mais tradicionais do gênero teatral, mas também como trechos específicos, compondo diálogos e cenas”, contou Jorge Farjalla.

Clara Nunes – A Tal Guerreira é apresentado pelo Ministério da Cultura. A realização é da Palco 7 Produções, de Marco Griesi, Solo Entretenimento, de Daniella Griesi e da Sevenx Produções Artísticas, de Felipe Heráclito Lima. A peça também conta com patrocínio da Algar.

SOBRE EMANUELLE ARAÚJO

Natural de Salvador, Emanuelle Araújo iniciou sua car-

reira no teatro e na música aos 10 anos, integrando a companhia de teatro INTERART, Cia de dança e teatro (onde permaneceu por 12 anos). Desde 2004, mora no Rio de Janeiro, onde consolidou sua carreira, trabalhando no teatro, TV, cinema, publicidade e música. No mesmo ano, criou a Banda Moinho, ao lado da percussionista Lan Lanh e do guitarrista e arranjador Toni Costa. Em 2024, o grupo celebrou 20 anos de fundação.

No cinema, participou de diversas produções, entre as quais *“O Barulho da Noite”* filme selecionado para o Festival de Gramado de 2023. A produção conquistou três prêmios – Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Atriz Coadjuvante – no 28º Inffinito Film Festival de Miami e venceu os prêmios de Melhor Filme, Melhor Roteiro, Melhor Atriz (para Emanuelle Araújo) no Festival Brasileiro de Cinema de Los Angeles), dirigido por Eva Pereira, no qual é protagonista, além de assinar a trilha sonora.

Na TV Globo Emanuelle participou de dez novelas e duas minisséries, entre elas *“Órfãos da Terra”* (2019), *“Gabriela”* (2012), *“Cordel Encantado”* (2011) e *“A Favorita”* (2008).

SERVIÇO

Clara Nunes – A Tal Guerreira

Duração: 120 minutos (sem intervalo)

Classificação etária: 12 anos

Belo Horizonte / MG

De 18 a 20 de julho

Grande Teatro Cemig Palácio das Artes

Av. Afonso Pena, 1537, Centro

<https://fcs.mg.gov.br/>

Dias/Horários: sexta, 21h; sábado, 16h30 e 21h; domingo, 20h

Onde Comprar: Internet (com taxa) | Eventim

[https://www.eventim.com.br/artist/palacio-das-
artes/clara-nunes-a-tal-guerreira-3916686/](https://www.eventim.com.br/artist/palacio-das-artes/clara-nunes-a-tal-guerreira-3916686/)

Bilheteria física (sem taxa) | No próprio teatro (segunda a sábado: 12h às 21h; domingo: 17h às 20h)

Rio de Janeiro / RJ

De 8 a 31 de agosto

Cidade das Artes – Grande Sala

Av. das Américas, 5300, Barra da Tijuca

<http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/>

Dias/Horários: sextas, 20h; sábados, 16h e 20h; domingos, 15h e 19h

Onde Comprar: Internet (com taxa) | Sympla

<https://bileto.sympla.com.br/event/107353/d/323387>

Bilheteria física (sem taxa) | No próprio teatro (terça a domingo de 13h às 19h) | Autoatendimento: A bilheteria do Teatro da Cidade das Artes possui um totem de autoatendimento para compras de ingressos.



Foto: Priscilla Prade

Marisa Orth e Miguel Falabella juntos na comédia romântica *FICA COMIGO ESTA NOITE*

A atriz já encenou a peça com Carlos Moreno (1988) e Murilo Benício (2007) e agora retorna ao lado de um dos seus maiores parceiros, que interpreta o seu marido morto

Após passar por sete cidades de Portugal, Marisa Orth e Miguel Falabella voltam a dividir o palco na comédia romântica *Fica Comigo Esta Noite*. O texto de Flavio de Souza, com direção de Bruno Guida, estreia em 24 de julho, sábado, no Teatro Bradesco, em São Paulo, com temporada até 14 de setembro. No Rio de Janeiro, a estreia acontece no dia 10 de outubro no Teatro Casa Grande, com temporada até 30 de novembro. O projeto tem realização da Aveia Cômica.

Na trama, Marisa Orth interpreta uma mulher que recebe amigos e familiares em casa para o velório do marido, papel de Miguel Falabella. Por decisão própria, ela optou por velá-lo no quarto, deixando o caixão na porta, o que acaba atrapalhando a circulação dos convidados. A personagem explica que pode receber todos apenas até a meia-noite, pois prometeu ao marido que passariam juntos a última noite.

Entre lembranças e sonhos, o próprio morto acompanha o velório e comenta tudo o que está acontecendo. Trata-se de uma comédia romântica que revela a trajetória de um casal que viveu junto por muitos anos – entre risos, segredos e muito amor.

A montagem teve diversas encenações ao longo dos anos. A primeira, em 1988, contou com Marisa Orth e Carlos Moreno como o marido. Na década de 1990, Débora Bloch e Luiz Fernando Guimarães protagonizaram uma nova versão. Em 2007, a peça foi novamente montada, com Marisa Orth e Murilo Benício.

SERVIÇO

Fica comigo esta noite

De 24 de julho a 14 de setembro

Teatro Bradesco

Bourbon Shopping, Rua Palestra Itália, 500, loja 263, 3º Piso, Perdizes, São Paulo / SP

Dias/Horários: sexta, às 20h; sábado, às 17h e 20h; domingo, às 19h

Vendas: <https://uhuu.com/>

De 10 de outubro a 30 de novembro

Teatro Casa Grande

Av. Afrânio de Melo Franco, 290a, Leblon, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: sexta, às 20h; sábado, às 17h e 20h; domingo, às 18h.

Vendas: <https://www.eventim.com.br/>

Duração: 90 minutos

Classificação etária: 12 anos

No Theatro Municipal de São Paulo ópera double bill, com Puccini e Strauss, em reflexão sobre a guerra

Com direção cênica de André Heller-Lopes e direção musical de Priscila Bomfim, a double bill une o compositor italiano Giacomo Puccini e o alemão Richard Strauss.

*Na ocasião, duas raridades: a ópera *Friedenstag (Dia de Paz)*, de Strauss, pela primeira vez na América Latina; e *Le Villi (As Fadas)*, a primeira ópera de Puccini, formando um double bill exclusivo com duas óperas de um ato*



Flyer de divulgação

Em uma combinação única destas duas obras, o Theatro Municipal cria um programa operístico surpreendente, sob a assinatura de um dos principais diretores de ópera do Brasil, André Heller-Lopes. *“Quando fui convidado pensei: como unir esse primeiro Puccini, que fala de uma lenda fantástica, com uma narrativa de guerra do Strauss? Decidi que poderia trabalhar como se um fosse o prelúdio da guerra e outro a guerra. Nessa montagem, Le Villi se passa no início dos anos trinta e o Friedenstag no auge dos anos da guerra. Inclusive, esse ano comemoramos os 80 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, mas ainda vivemos em um mundo de conflitos bélicos. Bom, isso tudo será conectado por inúmeros recursos cênicos e através de um personagem, Roberto, que é um soldado”*, pontua o diretor.

Ainda sobre os aspectos da montagem, Heller-Lopes explica que a sua criação se ancora nos recursos originais do texto. *“Eu trabalho com o que outros diretores de ópera fazem: a capacidade de fazer um clássico com um ponto de virada, ou um molho diferente, como forma de criar uma sub-leitura no texto. Mas o texto original é sagrado”*, afirma.

Em *Le Villi (As Fadas)*, nos dias 19, 22, 25 e 27 de julho, os papéis principais serão interpretados por Rodrigo Esteves (Guglielmo), Gabriella Pace (Anna) e Eric Herrero (Roberto). Nos dias 20, 23 e 26 de julho, o elenco será formado por Johnny França (Guglielmo), Daniela Tabernig (Anna) e Marcello Vannucci (Roberto).

Já em *Friedenstag (Dia de Paz)*, o espetáculo conta, nos dias 19, 22, 25 e 27 de julho, com Leonardo Neiva (Comandante), Eiko Senda (Maria) e Eric Herrero (Um Piemontese). Nos dias 20, 23 e 26 de julho, os papéis serão assumidos por Rodrigo Esteves (Comandante), Daniela Tabernig (Maria) e Marcello Vannucci (Um Piemontese).

Sobre a união musical de dois gênios da ópera, a diretora musical e maestra regente assistente da Orquestra Sinfônica municipal, Priscila Bomfim, explica o que o público pode esperar deste programa. *“A diferença entre a forma de expressão dos dois compositores é muito clara: Puccini, que ressalta a narrativa de uma fábula encantada com suas melodias marcantes presentes no canto e reforçadas pelos naipes da orquestra;*

e Strauss, com sua orquestração densa e complexa, que reforça o drama militar e bélico da guerra por meio da pluralidade rítmica e de uma orquestração romântica e com influência wagneriana”, explica.

“Além disso, a união entre balé e ópera em Le Villi apresenta uma música que é, ao mesmo tempo, dançante mas pertencente ao universo operístico. E claro, o desafio de unir dois compositores que são esteios da ópera italiana e alemã na mesma produção, ressaltando e resguardando suas características e estilos distintos”, pontua a maestra.

SOBRE LE VILLI (AS FADAS)

Le Villi é inspirada em lendas eslavas sobre espíritos vingativos de jovens traídos pelo amor. Estreada em 1884, carrega influências do estilo composicional de Amilcare Ponchielli, mestre de Puccini, trazendo uma atmosfera quase mística, distinta das obras seguintes do compositor. A trama é a mesma do famoso balé Giselle, de Adolphe Adam: uma jovem de coração partido transforma-se em uma criatura sobrenatural que se vinga de seu amante infiel, forçando-o a dançar até a morte. Embora não tenha sido bem-recebida no concurso para o qual foi composta, o concurso de Sonzogno, a ópera foi aclamada por críticos que viram em Puccini uma promessa para a ópera italiana.

“O que são essas Villi? São figuras como bacantes. Essa é a visão da ópera: uma ideia contemporânea, inclusive no estilo do balé, mas dentro da dramaturgia de ópera. A partir disso, uma grande inspiração que me veio foi a imagem da personagem de Metrópolis, de Fritz Lang, que é meio mulher e meio metal”, explica o diretor André Heller-Lopes.

SOBRE FRIEDENSTAG (DIA DE PAZ)

Friedenstag foi composta por Strauss em 1938, com libreto de Joseph Gregor. Ambientada em uma fortaleza no sul da Alemanha, ao final da Guerra dos Trinta Anos, a ópera explora temas de esperança e reconciliação. O

comandante da fortaleza, em um momento de desesperança, redescobre o valor da paz quando as tropas inimigas cercam seu território. A obra é um reflexo dos tempos conturbados da ascensão do nacionalismo e do militarismo na Europa, oferecendo uma poderosa mensagem pacifista.

“Eu trouxe a ideia de como seria interessante apresentar o Friedenstag (Dia de Paz). Por ser uma ópera inédita na América Latina, uma criação importante de Strauss, e pouco conhecida. Ela tem uma fama que não corresponde à realidade porque é uma obra sobre a paz, no entanto, como estreou em 1938, na Alemanha, foi utilizada pela agenda do governo. Basta dizer que ela é uma criação de Stefan Zweig, um autor importantíssimo que precisou fugir do regime na América do Sul. O que estamos fazendo é um resgate”, finaliza o diretor.

SERVIÇO

Óperas Double Bill | Le Villi – As Fadas, de Giacomo Puccini e Friedenstag – Dia de Paz, de Richard Strauss

Theatro Municipal – Sala de Espetáculos

Praça Ramos de Azevedo, s/nº, Sé, São Paulo / SP

Orquestra Sinfônica Municipal | Coro Lírico Municipal

Dias/Horários: sábado, 19/07, 17h; domingo, 20/07, 17h;

terça, 22/07, 20h; quarta, 23/07, 20h; sexta, 25/07, 20h;

sábado, 26/07, 17h; domingo, 27/07, 17h

Classificação: Livre para todos os públicos

Duração aproximada: 170 minutos (com intervalo)

Ingressos: de R\$ 33 a R\$ 210 (inteira)

<https://www.theatromunicipal.org.br/>



Diretor cênico
André Heller-Lopes

Foto: Leo Aversa / Divulgação



Flávia Reis faz estreia paulistana da comédia *NEURÓTICA!*

Com direção de Márcio Trigo e roteiro de Henrique Tavares, espetáculo cria discussão bem-humorada sobre a sobrecarga ainda enfrentada pelas mulheres

A comédia *Neurótica!*, estrelada pela atriz Flávia Reis, fez várias temporadas de sucesso no Rio de Janeiro, desde 2014. Agora desembarca na capital paulista, para uma série de novas apresentações, de 5 de julho a 31 de agosto, no Teatro J. Safra. O espetáculo tem direção de Márcio Trigo e roteiro de Henrique Tavares.

Ao longo de séculos de preconceito e discriminação, as mulheres romperam barreiras, ocupando posições antes exclusivas dos homens e exercendo um papel crucial na organização social. Apesar disso, não deixaram para trás suas responsabilidades como mães e esposas. Essa dupla carga – a de gerenciar a casa e a de se dedicar à profissão – potencializada pelo ritmo frenético da vida atual, resultou na emergência de perfis femininos únicos, que oscilam entre o cômico e o curioso.

E Flávia Reis, que há 15 anos pesquisa o humor no gênero feminino, se apropria justamente da figura dessas mulheres conhecidas popularmente como neuróticas para satirizar os pequenos dramas da sociedade contemporânea, de forma crítica e com bastante ironia e acidez.

A atriz se divide entre 11 personagens femininos, colocando uma lente de aumento nas figuras neuróticas do dia a dia. A trama é conduzida por uma terapeuta que, em uma palestra absolutamente equivocada sobre neuroses, apresenta tipos como a mulher que perde o próprio carro no estacionamento, a idosa pessimista que prevê o fim do mundo ao comer um tomate com agrotóxico e “Fernanda”, a cerimonialista que se atrapalha ao atender vários celulares ao mesmo tempo.

SOBRE FLÁVIA REIS

Flávia Reis é atriz e comedianta formada em Artes Cênicas pela UniRio, com formação em workshops de grandes nomes da comédia internacional. No teatro, atuou ao lado de Paulo Gustavo em “Hiperativo” e “On-Line”, e segue em cartaz com o solo “Neurótica!” desde 2014, além de seguir ao lado de Ricardo Cubba apresentando o espetáculo “Deixa que eu Conto”, em turnê por teatros e casas de comédia do Brasil. Na televisão, destacou-se em programas de humor do Canal Multishow e integrou o elenco das novelas “Amor Eterno Amor”, “Travessia” e “Garota do Momento”, na TV Globo. Atualmente, integra a série “Cosme e Damião”, exibida no Globoplay.

SERVIÇO

“Neurótica”, com Flávia Reis

De 5 de julho a 31 de agosto

Teatro J. Safra

Rua Josef Kryss, 318, Barra Funda, São Paulo / SP
Dias/Horários: sábados, às 21h; domingos, às 19h

Ingressos: de R\$ 30 a R\$ 80

Vendas: online em

<https://www.eventim.com.br/artist/flavia-reis/>

Bilheteria – às quartas e quintas, das 15h às 20h; às sextas, aos sábados e aos domingos, das 15h até o horário dos espetáculos – Tel. bilheteria: (11) 3611-2561

Classificação: 14 anos

Duração: 70 minutos

Acessibilidade: teatro acessível a cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida

UMA CASA DE BONECA

Releitura feminista e antirracista do clássico de Ibsen ganha montagem imersiva na Casaurora, Sumaré, SP. A temporada é gratuita até dia 27

Uma Casa de Boneca, de Henrik Ibsen (1828-1906), ganha nova encenação em São Paulo com foco nas interseções entre gênero, raça e classe. A montagem imersiva está na Casaurora, espaço cultural independente localizado no bairro do Sumaré, em uma temporada gratuita, com ações formativas e bate-papos com o público.

O espetáculo tem direção de Georgette Fadel (Cia. São Jorge de Variedades) e Livia Camargo, também responsável pela adaptação do texto original, e uma



das idealizadoras do projeto ao lado de Paula Aviles. No elenco, estão Livia Camargo, Paula Aviles, Gustavo Vaz, Edson Duavy e Kleber di Lazzare.

Encenada em uma casa real, a peça convida o público a ocupar os cômodos, criando uma experiência intimista e provocadora. A proximidade entre espectadores e personagens torna a narrativa ainda mais impactante, especialmente em momentos de tensão, brigas ou silêncio.

“Encenar a peça dentro de uma casa real contribui para aprofundar a experiência do público. É como na vida: se você está posicionado de um jeito, entende uma coisa; de outro, entende diferente”, afirma a diretora, que destaca como a movimentação pelos cômodos, os ruídos reais da casa e a proximidade física com os atores criam uma tensão particular, transformando o espectador em quase um voyeur da intimidade daquela família.

A nova adaptação amplia a crítica original ao patriarcado do século XIX, ao incorporar outras formas de opressão contemporâneas: o racismo estrutural, a invisibilização de corpos fora dos padrões normativos e os limites da liberdade feminina em diferentes contextos sociais. A leitura de Nora Helmer (Livia Camargo) é atravessada por sua condição de mulher branca em contraste com outros corpos em cena: Cristina (Paula Aviles), mulher racializada; Krogstad (Edinho Duavy), homem negro; e Torvald Helmer (Gustavo Vaz), que encarna não apenas o privilégio de gênero, mas também o racial.

Para Georgette Fadel, os temas incorporados pela nova adaptação já estavam latentes no próprio texto de Ibsen, que fala de estruturas que se protegem e se perpetuam. *“Essa família que se autopreserva, esse homem que se blindar... o texto já pede essas incorporações”,* comenta.

Já Livia Camargo destaca a importância de ter iniciado o processo pela dramaturgia, antes dos ensaios como atriz. *“Foi fundamental começar por esse lugar. E dividir a direção com Georgette Fadel, uma artista gigante.”* Para ela, o texto de Ibsen, escrito em 1879, ainda é incrivelmente atual. *“Vemos mulheres vivendo relações abusivas por anos, saindo destruídas, sem autoestima. O gesto de Nora, ao bater a porta, ainda hoje nos inspira a romper e reconstruir.”* Livia reforça que esse gesto precisa ser ampliado: *“Ibsen escreveu sobre uma mulher burguesa, mas hoje ele precisa incluir a mulher periférica, racializada, com filhos. O ato de bater a porta é quando ela percebe que só ela pode mudar a própria vida. E essa consciência é revolucionária.”*

Além das apresentações, o projeto oferece quatro ensaios abertos com bate-papo com elenco e direção, e quatro leituras públicas de textos clássicos, com a participação de convidados e rodas de conversa com o público.

SINOPSE

Tudo parece perfeito na casa dos Helmer. Com a recente promoção de Torvald à diretoria de um banco, a família ascende socialmente e vive a esperança de um futuro promissor. Nora Helmer, sua esposa, inicia alegremente os preparativos para a noite de Natal, mas por trás do sorriso amoroso ela esconde um segredo: anos antes, para salvar a vida do marido, contraiu um empréstimo sem o seu consentimento – falsificando ainda a assinatura do próprio pai. O credor é Nills Krogstad, advogado de reputação questionável, que ameaça revelar tudo se Nora não ajudá-lo a manter seu cargo no banco em que agora Torvald é o diretor.

Com a chegada de Cristina Linde, sua amiga de juventude, as certezas de Nora começam a ruir. Viúva, sem filhos e em busca de um novo sentido para a vida,

Cristina logo percebe a prisão invisível por trás da fachada harmoniosa da casa dos Helmer. Ao redor da trama, orbita ainda uma figura igualmente complexa: Dr Hank, fiel amigo da família, gravemente doente e secretamente apaixonado por Nora, trazendo à tona as tensões entre afeto, convenção, culpa e desejo. *Uma Casa de Boneca* é um mergulho nas armadilhas de uma sociedade patriarcal – com e na coragem de mulheres que começam, enfim, a escutar a própria voz.

SERVIÇO

Uma Casa de Boneca

Até 27 de julho

Casaorora

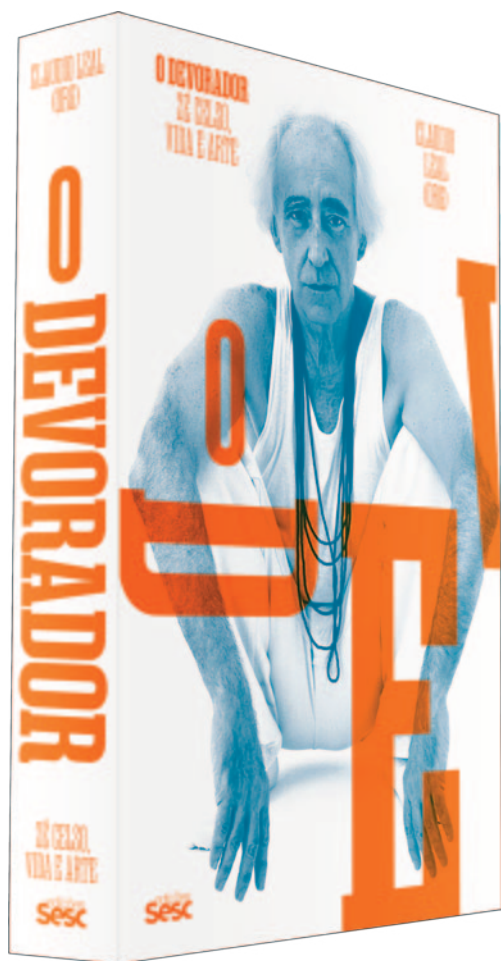
Rua Plínio de Moraes, 401, Sumaré, São Paulo / SP

Dias/Horários: sextas e sábados, às 20h; domingos às 19h;
sessões vespertinas – dias 19 e 26 de julho, sábados, às 17h30

Capacidade: 60 lugares | *Duração:* 120 minutos

Classificação indicativa: 16 anos

Ingresso: Gratuito



Edições Sesc lançam O DEVORADOR: ZÉ CELSO, VIDA E ARTE

Organizada por Claudio Leal, a obra é uma homenagem à trajetória revolucionária de um dos maiores nomes do teatro brasileiro. Celebra a vida de Zé Celso como um processo contínuo de reinvenção e descolonização, reunindo depoimentos, ensaios e entrevistas



Reunindo ensaios e depoimentos inéditos de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Maria Bethânia, Bete Coelho, Jorge Mautner, entre muitos outros, as Edições Sesc lançam *O devorador: Zé Celso, vida e arte*. O livro traça uma narrativa multifacetada da carreira de José Celso Martinez Corrêa (1937-2023), marcada pela inovação radical, pela crítica política e pela celebração da liberdade artística e corporal. A obra coletiva é organizada pelo jornalista e pesquisador Claudio Leal.

Estruturado de forma cronológica e temática, o livro está dividido em capítulos que percorrem a trajetória intensa do encenador, articulando ensaios críticos, entrevistas, cartas e depoimentos de amigos e colaboradores – entre diretores, atores, técnicos, críticos, arquitetos, músicos, cineastas, poetas e jornalistas.

O livro conta ainda com projeto gráfico inovador do premiado designer Mateus Valadares. Ele revela uma lombada de costuras aparentes ao se desdobrar a capa tripla que faz as vezes de pôster e que mostra fotos de diferentes fases de Zé Celso, sendo a principal delas um icônico registro de Bob Wolfenson. Além disso, um generoso caderno de imagens colorido serve como acompanhamento visual aos mais de 40 textos do volume.

A publicação percorre desde seus primeiros passos em Araraquara, passando pela fundação do Teat(r) Oficina, as montagens históricas de *O rei da vela* e *Roda viva*, seu exílio em Portugal e Moçambique durante a ditadura militar, até sua luta pela preservação cultural e urbana do Oficina em anos mais recentes.

Inspirado no conceito modernista da antropofagia de Oswald de Andrade, Zé Celso transformou o teatro brasileiro ao promover a fusão entre arte, política e vida, colocando em cena o inconsciente nacional com

irreverência, paixão e crítica. Sua prática artística propôs uma constante devoração e reinvenção dos códigos estéticos e sociais.

*“A partir do hemisfério sul,
olhar o hemisfério norte
e devorar a cultura norte-americana.
Foi um processo de antropofagia
maravilhoso, não só no meu trabalho,
como no trabalho de Caetano, do Gil,
do Tom Zé. Enfim, abriu um
caminho enorme essa devoração,
essa antropofagia.”*

(Zé Celso)

ZÉ CELSO E O TEATRO OFICINA

Nascido em 1937, em Araraquara (SP), teve uma juventude marcada por inquietações familiares e políticas, incluindo uma breve passagem por um centro cultural integralista, que mais tarde seria exorcizada. A morte de Getúlio Vargas, em 1954, marcou profundamente sua geração, criando um senso de orfandade simbólica que impulsionou muitos jovens artistas à busca de novas formas de expressão. Esse impulso o levou a São Paulo, onde, nos corredores da Faculdade de Direito do



Em 1975, o Oficina Samba apresenta *Gulêu* no Teatro São Luiz, em Lisboa.



Zé Celso na década de 1980.

Largo de São Francisco, começou a gestar a ideia de um teatro de ruptura.

A fundação do Teatro Oficina, em 1961, acontece nesse contexto. Ao lado de outros jovens artistas, Zé Celso rejeitou as influências importadas do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e buscou um caminho próprio, influenciado por Stanislavski, Brecht e, posteriormente, Oswald de Andrade. As primeiras montagens revelaram um domínio das formas realistas, mas foi com *O rei da vela* (1967) que ele rompeu de vez com os modelos tradicionais. Incorporando elementos do teatro de revista, da ópera e do carnaval, a peça consolidou a estética antropofágica do Oficina.

A peça *O rei da vela*, escrita por Oswald de Andrade em 1933 e encenada pela primeira vez apenas em 1967 pelo Teatro Oficina, é uma obra central da estética modernista e tropicalista brasileira. A montagem transformou a peça num verdadeiro marco do teatro de vanguarda no Brasil, conjugando sátira política, carnavalesação e uma linguagem teatral radicalmente inovadora.

Zé Celso conseguiu transformar a peça em um verdadeiro ritual de descolonização cultural – uma forma de esculhambar as estruturas conservadoras e imaginar um Brasil reinventado, sexualmente e politicamente liberto. O engajamento político do Teatro Oficina cresceu em meio à radicalização do país nos anos 1960, e com a montagem de *Roda Viva* (1968), com texto de Chico Buarque, que chegou a ser violentamente atacada por milicianos, simbolizava o último embate entre a arte libertária e a repressão da ditadura militar. Mais tarde, Zé Celso foi preso e forçado ao exílio, retornando ao Brasil somente em 1978. Encontrou um país em transição, e seu teatro havia perdido espaço. Iniciou a lenta reconstrução do Oficina, com projetos que dialogavam com a cidade, com a história brasileira e com a experiência vivida fora do país.

O DEVORADOR

A antropofagia é um conceito fundamental para entender a trajetória de Zé Celso. A ideia nasce do Movimento Antropofágico da década de 1920, especialmente dos escritos de Oswald de Andrade que sugerem

que a arte brasileira deveria se libertar do colonialismo cultural "devorando" – assimilando criticamente – as influências estrangeiras, misturando-as aos ingredientes da própria brasilidade.

Zé Celso adota e expande essa noção ao longo de sua vida artística: para ele, a antropofagia é uma prática permanente de devorar e transformar. No seu teatro, cada espetáculo negava e ultrapassava o anterior, num processo de crítica, reinvenção e absorção contínua. Percebendo a história brasileira – e o próprio teatro – como resultado dessa dinâmica devoradora: engolir referências externas, misturá-las com a cultura popular brasileira (o circo, a chanchada, a verborragia, a violência recalcada) e cuspir algo novo, irreverente, politizado e profundamente enraizado no Brasil.

A antropofagia é também uma postura política: um gesto de descolonização cultural. Em suas entrevistas, ele explica que a verdadeira independência do Brasil não viria pela simples rejeição do que é estrangeiro, mas pela digestão criativa dessas influências, criando algo autenticamente nosso. Inspirado por Oswald, não enxerga o processo histórico de maneira linear e progressivo, mas como um terreno de "simulacro", de um Brasil carnavalesco e grotesco, que também pode ser compreendido a partir da esculhambação.

SOBRE O ORGANIZADOR

Claudio Leal é jornalista e doutorando em teoria, história e crítica do cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Organizou ou coorganizou as obras críticas *Cine Subaé: escritos sobre cinema* (1960-2023) (Companhia das Letras), do compositor Caetano Veloso, *Underground* (Edições Sesc), do ensaísta e diretor Luiz Carlos Maciel, e *O universo de Emanuel Araujo* (Capella Editorial), do

curador e escultor Emanuel Araujo, além da poesia de José Carlos Capinan, *Cancioneiro geral* [1962-2023] (Círculo de Poemas). É autor da dissertação de mestrado *O diálogo crítico de Walter da Silveira e Glauber Rocha* (ECA-USP). Colaborador dos cadernos *Ilustrada* e *Ilustríssima*, da Folha de S.Paulo.

FICHA TÉCNICA

O devorador: Zé Celso, vida e arte

Organizador: Claudio Leal

Edições Sesc São Paulo, 2025

Número de páginas: 520

ISBN: 978-85-9493-326-3

Preço de capa: R\$ 130,00

Os títulos das Edições Sesc São Paulo podem ser adquiridos nas unidades do Sesc São Paulo, nas principais livrarias e no portal www.sescsp.org.br/livraria





Juliana FERVO,
Poder para o Povo
"Power to the People" -
Marsha P. Johnson,
2025

Foto: Vera Matagueira

"CORES, CORPOS E DIREITOS: A ARTE DA RESISTÊNCIA LGBTQIA+"

Mostra no memorial da Procuradoria da República no Rio de Janeiro reúne documentos emblemáticos da atuação do MPF na defesa dos direitos LGBTQIA+ em diálogo com obras de artistas como Leonilson, Amara Moira, Juliana FERVO, Madalena Schwartz, Renato Bezerra de Mello, Piti Tomé e Brendon Reis, entre outros

A exposição apresenta casos judiciais e extrajudiciais emblemáticos da atuação do Ministério Público Federal na defesa dos direitos LGBTQIA+ nos últimos 25 anos, a começar pela ação civil pública proposta em 2000, em Porto Alegre, que obteve, pela primeira vez no Brasil, o reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo para fins previdenciários.

As iniciativas abrangem desde a busca por visibilidade estatística e respeito à identidade em documentos até a garantia de acesso à saúde especializada, a promoção da inclusão e combate à discriminação na educação, a defesa da liberdade de expressão na cultura, o enfrentamento de atos discriminatórios por agentes públicos e a participação em discussões sobre memória, verdade e justiça.

Entre os destaques da exposição, uma cópia dos autos da ação direta de inconstitucionalidade (ADI) 4277, julgada pelo Supremo Tribunal Federal em 2011, e que reconheceu plenamente a união entre pessoas do mesmo sexo para fins civis, além de registros do polêmico caso da exposição “*Queermuseu*”, realizada em 2017 em Porto Alegre (RS), que teve encerramento antecipado devido a reações conservadoras. A atuação do MPF resultou na assinatura de um termo de ajustamento de conduta (TAC) com o Santander Cultural, garantindo a



Cópia dos autos da ação direta de inconstitucionalidade (ADI) 4277, julgada pelo Supremo Tribunal Federal em 2011, e que reconheceu plenamente a união entre pessoas do mesmo sexo para fins civis

Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

realização de novos eventos artísticos focados em diversidade e Direitos Humanos.

DIÁLOGO COM AS ARTES

A exposição também promove a reflexão por meio de obras de diversos artistas, como Alexandre Perroca, Amara Moira, André Azevedo, Brendon Reis, Élcio Miazaki, Giovanna Langone, Julia Anquier, Juliana FERVO, Leonilson, Madalena Schwartz, Marina Luísa,

Piti Tomé, Renato Bezerra de Mello e Sebastião Reis. A curadoria é dos procuradores da República Fabiana Schneider, Lucas Costa Almeida Dias e Sergio Suiama.

O procurador Lucas Costa Almeida Dias ressalta a importância da união entre arte e atuação institucional: *"Nesta exposição, a arte pulsa como ferramenta de resistência e celebração da diversidade LGBTQIA+, espedando a incansável atuação do MPF na garantia de que cores, corpos e direitos sejam respeitados e protegidos. O MPF tem sido um dos principais atores na mobilização de direitos pela diversidade, tolerância e respeito na construção de uma sociedade em que justiça e respeito prevaleçam."*

Fabiana Schneider, curadora do Memorial, destaca a relevância do tema: *"O Memorial da PR/RJ, mais uma vez, apresenta atuações incríveis de colegas, agora na temática LGBTQIA+. Coincidentemente – ou não, já que somos frutos do nosso tempo – instituições importantes de arte como o MASP e o CCBB abordaram o assunto este ano. Isso é um sinal máximo de que o tema precisa ser explicitado. O Memorial conduz seu público a um passeio poético pelos muitos marcos de resistência da comunidade LGBTQIA+."*

Para o procurador da República Sergio Suiama, *"a exposição conseguiu contar uma parte da história da luta pelo reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+, e do papel do Ministério Público Federal nessa história, a partir do início dos anos 2000 até hoje. Além, é claro, da sensibilidade em estabelecer um diálogo entre o direito e as manifestações artísticas"*.

"O Memorial conduz seu público a um passeio poético pelos muitos marcos de resistência da comunidade LGBTQIA+."

(Fabiana Schneider, curadora do Memorial da PR/RJ)

AS OBRAS

Marcelo Del Negri e Tatiana Pollo Flores ***Por Amor à Re(existência)*, 2025**

A instalação-mural *"Por Amor à Re(existência)"* – capa desta edição – é um mergulho na potência dos corpos dissidentes, das vozes que desafiam normas e dos afetos que insistem em florescer, mesmo sob opressão.

O painel reúne imagens e símbolos que atravessam décadas de luta LGBTQIA+. São fragmentos de arte e vida – de Cazuza a Lady Gaga, de Freddie Mercury a Cassia Eller – que revelam como o amor pode ser arma e abrigo, cura e combate.

Ao trazer à luz essas trajetórias, a obra não é apenas uma homenagem, mas uma convocação: Em tempos de cólera, o amor se impõe!

Juliana FERVO – Poder para o Povo "Power to the People - Marsha P. Johnson", 2025

No grafite vibrante de Juliana FERVO, a figura imponente de Madame Satã emerge como um ícone atemporal de resistência e poder. Ao lado, brota uma planta

“comigo ninguém pode”, símbolo pungente de proteção e inviolabilidade, destacando a inscrição “*poder para o povo*”. Essa obra é também uma homenagem à lendária Marsha P. Johnson, cujo legado inspirou o título e a celebração do Dia do Orgulho LGBTQIA+ em 28 de junho.

FERVO tece uma conexão profunda entre duas figuras históricas que, em diferentes contextos e com uma coragem inquebrável, desafiaram a opressão e abriram caminhos. Marsha, mulher trans negra e força motriz nos levantes de Stonewall, e Madame Satã, um homem gay e capoeirista que, na efervescência da Lapa carioca, desafiou as normas sociais e de gênero de sua época com uma existência audaciosa.

A flor em cores de arco-íris, grafitada ao lado, não é apenas um símbolo de diversidade, mas um tributo à florescência dos direitos e à beleza de ser. O grafite de FERVO é um manifesto que une essas vozes potentes, lembrando-nos que a busca por dignidade e reconhecimento é um ato contínuo de resistência, alimentado pela coragem e pela memória de quem plantou as sementes da “comigo ninguém pode” em solo fértil de luta.

Brendon Reis – *Maresia*, 2023

Em “*Maresia*”, Brendon Reis, ao retratar um instante de ternura e intimidade de um casal, celebra a consolidação do amor. Na imagem, o rapaz sentado, oferece seu colo como refúgio para o outro, que ali repousa. Ambos envolvidos em um abraço de carinho. A paixão que os une é palpável, e a serenidade da cena evoca a tranquilidade e o cuidado que o reconhecimento legal

pode proporcionar. “*Maresia*” não é apenas a representação de um amor que floresce; é o espelho de um afeto que, por muito tempo, foi invisibilizado e, por vezes, criminalizado.

A obra lembra que cada decisão judicial favorável à comunidade LGBTQIA+ traduz-se em vidas reais, em lares construídos e em amores que podem ser vividos sem medo e com proteção da lei. Brendon Reis convida à contemplação da beleza da diversidade do amor e da importância de continuar a lutar por um país onde todos possam amar e ser amados, plenamente reconhecidos e respeitados.



Brendon Reis, *Maresia*, 2023

Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

Piti Tomé – *O direito à filiação*



Piti Tomé, *O direito à filiação*

Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

A instalação da série “*Mamãe, mamãe, mamãe, mamãe*”, da artista Piti Tomé, propõe um mergulho nas nuances da amamentação, um ato que, para muitas mães, é permeado por complexidades. Para a lactante, a amamentação pode ser fisicamente dolorosa, exaustiva e, por vezes, frustrante. Para mães não lactantes, o desejo de nutrir o vínculo através do peito pode esbarrar em tabus, na falta de informação e, muitas vezes, na invisibilidade de suas experiências.

A obra de Piti Tomé, ao representar o seio materno em múltiplas pedras de diferentes formas e tamanhos, simboliza tanto a diversidade de corpos e experiências maternas quanto os obstáculos que lhes são intrínsecos. Traduz, ainda as bases sólidas e, ao mesmo tempo, as barreiras e intempéries enfrentadas por casais homoafetivos na construção de suas famílias.

Cada bico de peito esculpido em cerâmica é um lembrete de que o alimento, o afeto e o vínculo podem fluir de diferentes formas, desafiando a visão heteronormativa e patriarcal que, por vezes, limita a compreensão de amamentação a um único modelo.

A artista Piti Tomé, ao abordar a beleza e as dificuldades da maternagem em sua obra, convida a refletir sobre a importância de desmistificar a amamentação e de apoiar todas as formas de nutrir, física e emocionalmente, dentro da diversidade familiar. Ao mesmo tempo, explora o cuidado como interdependência e como relação coletiva.

Alexandre Perroca – *Proibido Estacionar*, 1997



Alexandre Perroca, *Proibido Estacionar*, 1997

Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

A fotografia feita por Alexandre Perroca apresenta uma mulher trans em uma calçada, com uma placa de trânsito com o símbolo de “proibido parar” ao fundo. A imagem é um impacto visceral, simbolizando as interrupções, os impedimentos e a constante batalha contra a exclusão que pessoas trans enfrentam em seu dia a dia. É um “pare!” imposto a uma sociedade que ainda resiste em aceitar e respeitar a diversidade de identidades de gênero.

Madalena Schwartz – Ney Matogrosso (fotografia reproduzida mediante licenciamento pelo Instituto Moreira Sales), 1974

A lente de Madalena Schwartz imortaliza Ney Matogrosso em uma de suas icônicas performances. Com seu olhar felino e a mão estendida, Ney desafia o público, encarna a ousadia e a quebra de paradigmas. Sua voz-dança-performance de movimentos sinuosos e insinuantes – muito bem captados na imagem feita



pela fotógrafa – representa a potência da expressão individual que rompe com padrões e enfrenta o conservadorismo. A fotografia é um grito de liberdade, um lembrete de que a arte LGBTQIA+ é intrinsecamente ligada à resistência e à capacidade de subverter normas.

Sebastião Alves dos Reis Júnior – *Bailarina*, 2022



Sebastião Reis, *Bailarina*, 2022

Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

Madalena Schwartz, *Ney Matogrosso*, 1974

Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

O fotógrafo (e ministro do STJ) Sebastião Reis registrou uma série de imagens de pessoas trans enclausuradas, dando origem ao livro *Translúcida*. Em exibição, a fotografia feita no presídio COP II de São Paulo. A imagem é uma fusão de impactantes contrastes: uma presidiária trans em pose de bailarina, saltando levemente em espacate contra o cenário árido de muros altos e arames farpados de um presídio. Em paradoxo doloroso e belíssimo, a obra expõe a brutalidade do encarceramento, que muitas vezes marginaliza ainda mais corpos trans, enquanto a leveza e a dança da bailarina gritam por liberdade e dignidade. É um ato de resiliência, uma performance de vida que se recusa a ser silenciada, mesmo nas condições mais adversas.

**Grêmio Recreativo Escola de Samba Paraíso do Tuiuti
– Heroínas da Resistência, Carnaval 2025**



A luta pela justiça e representação de direitos tem suas guerreiras atuantes na sociedade brasileira. A fantasia ainda faz referência à borboleta, uma das metáforas mais usadas pelo movimento trans, e traz em seus escudos imagens estampadas de 28 guerreiras contemporâneas que estão na linha de frente no enfrentamento da agenda antitrans e na luta pela representação democrática. São elas: Alexya Salvador, Indiana Siqueira, Jovanna Baby, Bruna Benevides, Katia Tapety, Dani Balbi, Duda Salabert, Erika Hilton, Keila Simpson, Marcellly Malta, Maria Clara de Sena, Megg Rayara, Neon Cunha, Roberta Close, Symmy Larrat, Thiffany Odara e Valéria Barcellos. *Texto, desenho e fantasia: Jack Vasconcelos – carnavalesco*

**Marina Luísa Almeida – Série de cartuns com
linguagem pajubá, 2025**

Nas ilustrações de Marina Luísa, mensagens bem-humoradas escritas em pajubá/bajubá (linguagem cifrada das trans).

Marina Luísa Almeida é artista visual e designer de moda, mulher trans, natural de São Luís do Maranhão e vive há mais de dez anos em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. Com mais de 15 anos de trajetória nas artes, suas produções se destacam por estética singular, traços expressivos, paleta vibrante e olhar para o inusitado. Desde a infância, os livros infantis e desenhos da TV Cultura despertaram sua paixão por contar histórias. A artista transita entre linguagens analógica e digital, misturando referências cotidianas e fantásticas, desen-

Grêmio Recreativo Escola de Samba Paraíso do Tuiuti,
Heroínas da Resistência, Carnaval 2025

Foto: Vera Matagueira

volvendo produções marcadas por humor, nostalgia, críticas e sensações.



Marina Luísa Almeida, *Série de cartuns com linguagem pajubá*, 2025
Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

Renato Bezerra de Mello – *Good boys go to heaven, bad boys go everywhere*

Este trabalho confronta a dificuldade em respeitar as diferenças, mesmo em momentos de extrema vulnerabilidade. A obra é construída a partir de uma coleção de revistas masculinas gay que pertencia a um amigo do artista Renato Bezerra de Mello. Diante da iminência de sua morte prematura, esse amigo fez um último e

delicado pedido: que Renato retirasse as revistas de sua casa para que seus pais não as encontrassem.

Ele sugeriu que Renato as guardasse, na esperança de que um dia pudessem ser usadas em seu trabalho. E assim aconteceu. Anos depois, ao encontrar um furador de papel em forma de anjo, Renato resgatou não só a memória do amigo, mas também a frase-título, frequentemente dita por ele.



Renato Bezerra de Mello, *Good boys go to heaven, bad boys go everywhere*
Foto: Divulgação

Leonilson – *Sem título*, 1983

Leonilson (1957-1993) foi um artista que esboçava de forma delicada e intensa a questão da homossexualidade em suas obras. O cearense não retratava sua orientação sexual de forma direta, mas refletia sobre a solidão e a angústia que enfrentava. Sua criação se baseava nas experiências de vida: amores, perdas, soropositividade (Leonilson morreu aos 36 anos).

Sua obra é um verdadeiro diário visual (sempre sutil, jamais panfletário) onde busca resistir ao preconceito e à discriminação. Seus quadros, símbolos contra o silêncio e a favor da diversidade de gênero (“*eu não sou uma rainha, uma queen, eu sou um homem... eu tenho certeza da minha masculinidade... eu gosto de rapazes*”). Leonilson contribui decisivamente para dar visibilidade à luta LGBTQIA+, fazendo o seu trabalho ser cada vez mais admirado e respeitado em todo o mundo. O caráter autobiográfico da obra de Leonilson torna cada vez mais relevante a luta contra a homofobia, a binaridade e a heteronormatividade. Pela diversidade da vida.



Leonilson, *Sem título*, 1983

Foto: Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

André Azevedo – *Eu e Você*, 2020

Na singeleza do retalho de tecido de André Azevedo, “*Eu e Você*” revela-se como uma ode à poesia do encontro e da existência compartilhada. A obra transcende a materialidade para se tornar um haicai visual

sobre a proximidade, a separação e a inevitabilidade da conexão humana.

As primeiras linhas, com a repetição quase sufocante de “*eu e você eu e você...*”, evocam a fusão inicial, a intimidade nascente, a simbiose de um amor que se inicia ou de uma amizade profunda.



André Azevedo,
Eu e Você,
2020

Foto: Divulgação
Ascom MPF/RJ

Conforme as palavras vão se espaçando, a poesia da obra se move para um território de dolorosa contemplação e, simultaneamente, de esperança. O afastamento gradual de “*eu e você*” simboliza os desafios impostos pela sociedade, os espaços forçados pela discriminação e a luta incansável por reconhecimento.

A última linha, com seu solitário e reverberante “*eu e você*”, é a síntese poética de uma vitória, mas também um lembrete. É a confirmação de que, apesar da per-

sistente homofobia e de todos os obstáculos, a conexão primordial e o direito de amar permanecem intactos. "Eu e Você" é um testemunho pungente da resiliência de um amor que insiste em existir, livre e plenamente reconhecido, mesmo que ainda em um mundo que teima em resistir à sua beleza.

Giovanna Langone e Júlia Anquier – Estalo, 2022

No videoarte "Estalo" de Julia Anquier e Giovanna Langone, o público é convidado a testemunhar a poética relação LGBTQIA+ no espaço público. Em um vídeo de dança performativa, a obra captura o momento efervescente em que duas garotas, inicialmente à distância, percebem uma à outra, e nesse instante, o mundo ao redor parece se transformar.

O "estalo" é o reconhecimento mútuo, a fagulha que acende a conexão e, em seguida, se manifesta em movimento. A coreografia que se desenrola pela rua é um ato de subversão e celebração. Cada passo, cada giro, cada olhar trocado é uma declaração. A dança, que gradualmente as aproxima, simboliza não apenas a atração e o desejo de união, mas também a quebra de barreiras invisíveis impostas pela sociedade.

O percurso pelas ruas, antes um cenário comum, é ressignificado pela presença e pela dança desse casal. A performance culmina no efetivo enlace dos corpos, um abraço que é mais que um gesto: é a materialização da aceitação, do direito de amar e ser visto. "Estalo" é um lembrete visual poderoso da importância da visibilidade e da liberdade de expressão para a comunidade LGBTQIA+, afirmando que o amor, em todas as suas for-

mas, merece seu lugar, sem medo e sem silêncio, em cada esquina da vida.

Élcio Miazaki – Tonsores, 2022

Tonsores tem origem em uma ação performativa, que investiga o encontro entre dois homens colocados frente a frente. A proposta é carregada de implicações: cada um raspa a barba do outro e aparas os cabelos com máquina, igualando seus comprimentos.

A partir desse gesto de cuidado – sem o respaldo de uma intimidade prévia – emergem tensões e questionamentos. Como se constrói o acesso ao corpo do outro em uma situação de estranhamento? Que afetos são mobilizados nesse contato direto e silencioso?

Além da dimensão afetiva, a obra toca em temas como a padronização da imagem – que, mesmo pretendida, esbarra nas particularidades de cada corpo –, a negação da escolha, a limitação da diversidade e a imposição de normas visuais. As ações propostas dialogam com registros de soldados em contextos onde não havia espelhos, evidenciando a uniformização compulsória e a ausência de autoimagem.



Élcio Miazaki, *Tonsores*, 2022

Foto: Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

Juliana FERVO, *Cadente Estrela, corpos celestes que se incendeiam, deixando rastros de luz no céu e na liberdade de ser*, 2025

Foto: Foto: Divulgação Ascom MPF/RJ

Juliana FERVO – *Cadente Estrela, corpos celestes que se incendeiam, deixando rastros de luz no céu e na liberdade de ser*, 2025

Sobre a obra, afirma a artista: *“Abstraindo ainda mais a minha Flor/Maria, desconstruindo todas as partes dela, mas sem perder o seu movimento CurviLinha, unindo a minha Marca & Textura em uma só.*

Fazendo de maneiras diferentes o mesmo movimento. Estudando, se Renovando e Abstraindo para separar mentalmente uma parte de um todo.”

UM POUCO DE HISTÓRIA *

A Constituição Federal de 1988, marco jurídico do processo de redemocratização do país após o período de ditadura militar, estabeleceu entre os objetivos fundamentais da República, a promoção do bem coletivo, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quais outras formas de discriminação.

O comando constitucional, infelizmente, está longe de ser concretizado: atualmente o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+, que extermina povos indígenas e que registra altas taxas de feminicídio e racismo.

Talvez seja por isso que Paul B. Preciado, filósofo trans, deseje morar em Urano – um dos planetas mais dis-



tantes da Terra: pela mitologia grega, Urano é o filho que Gaia (a Terra) concebeu sozinha, sem acasalamento ou inseminação. A partir da relação com o filho, nasceu Cronos (o Tempo), que castrou seu pai, Urano, a pedido da mãe, e do pênis castrado nasceu Afrodite, a deusa do Amor. Disso, conclui que o amor vem da desconexão entre os órgãos genitais e o corpo.

Essa forma de amor é o princípio dessa exposição, que mostra os recentes avanços garantidos à sobrevivência da comunidade LGBTQIA+. Por outro lado, não se limita à visão pueril e destaca o Ministério Público como um dos principais atores do espaço jurídico a abrir alas para reflexões profundas e consolidação de direitos, frente à infundável omissão dos Poderes Executivo e Legislativo.

A “busca da felicidade”, direito constitucionalmente implícito, garante a equiparação de direitos às pessoas LGBTQIA+. Para concretizá-la, o Judiciário permitiu a união estável e o casamento homossexual; a alteração de prenome e sexo para pessoas trans, independente de cirurgia de afirmação de gênero; a doação de sangue por homens gays; a possibilidade de ensino de gênero nas escolas; a adoção por casais homossexuais; o enquadramento da LGBTfobia como conduta equiparada ao crime de racismo; a vedação à terapia de reversão sexual, conhecida como “cura gay”.

**Texto/folder da mostra*

SERVIÇO

“Cores, corpos e direitos: a arte da resistência LGBTQIA+”

Até 19 de setembro

Memorial da Procuradoria da República no Rio de Janeiro
Av. Nilo Peçanha, 31, 6º andar, Centro, Rio de Janeiro / RJ
Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 17h

A essência da obra de ROCHELLE COSTI na Luciana Brito Galeria, SP



Há Casas, 2018

Foto: Still / divulgação

A casa como laboratório é a primeira exposição individual da artista Rochelle Costi na galeria desde seu falecimento, em 2022. Com curadoria da chilena Alexia Tala, a mostra traz a essência da poética da artista, res-

gatada por meio de mais de vinte obras, que se entrelaçam em uma narrativa seguindo o conceito desenvolvido pelo escritor francês Georges Perec, em *Aproximações ao extraordinário*: “O que acontece quando não



Living, da série *Desmedida*, 2009

Foto: Divulgação

acontece nada? Como falar dessas horas, desses dias em que nada acontece, em que se passa apenas o que acontece todos os dias – o habitual, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o infraordinário, o de todos os dias?”

“O trabalho de Rochelle Costi nos abre para a poesia do banal e do corriqueiro, que deslumbra nossa existência. Não quer saber dos grandes acontecimentos, mas daquilo que constitui o tecido real de nossas vidas, a beleza transformadora das pequenas coisas do cotidiano. Rochelle Costi foi, nesse sentido, uma artista do infraordinário”, diz a curadora Alexia Tala.

Ao longo de sua carreira, a artista evitou temas espetaculares ou cenários grandiloquentes, preferindo explorar o comum, o que os olhos sempre veem, mas nem sempre enxergam, como a singeleza dos quartos, móveis, armários, objetos comuns, cantos esquecidos,

pequenos insetos, paredes, padrões, texturas, artigos baratos e até barracas de feira. Para a curadora, *“a mostra não deve ser vista apenas como uma exposição-homenagem a uma artista excepcional, mas como um convite para habitar o mundo com outra intensidade – a mesma com a qual Rochelle habitou este mundo”.*

A própria casa da artista refletia a essência de seu olhar, que assimilava tudo a partir de uma perspectiva de dentro para fora. Sua casa, dessa forma, surgia como um cenário privilegiado, não apenas como um refúgio, mas como um laboratório de descobertas e geografia íntima, onde os afetos, as tensões e as memórias tomavam forma. Assim, como um verdadeiro gabinete de curiosidades, a mostra *A casa como laboratório* transforma o espaço do pavilhão da Luciana Brito Galeria em um resgate da própria casa da artista, reunindo algumas de suas obras mais simbólicas.



Papel de parede, 2010

Foto: Divulgação

Um dos destaques, da série *Desmedida* (2009), ganha uma dimensão fora do padrão no espaço expositivo para aprofundar a relação entre o cotidiano e a arbitrariedade das regras perceptivas. A série apresenta intervenções da artista em espaços domésticos com objetos comuns, evidenciando o caráter relativo das proporções que organizam nossas vidas.

Outro trabalho importante, a instalação *Passatempo* (2018), brinca com a ideia do tempo suspenso, do fazer sem finalidade ou, simplesmente, do “não fazer nada”. O soletrar de “p a s s a t e m p o” imita um relógio de parede e coloca o público diante do fluxo temporal do ócio, esse conceito discriminado mas que já possibilitou grandes descobertas ao longo da história. Em contraposição, *Papel de Parede* (2010), potencializa algo fa-



Passatempo, 2018

Foto: Edouard Fraipont

miliar ao brasileiro por meio de uma coreografia repetitiva e caleidoscópica: pés de galinha.

A existência transforma-se em vestígios nos espaços vazios da *Casa da Ilha – Sala* (2017) e do *Quarto de Banho* (2017), ao passo que *Casa Cega* (2002) anula qualquer vestígio dela, da sensação de abrigo à de segurança, transformando a casa em um corpo inerte. Na série *Quartos – São Paulo* (1998), a artista apresenta um inventário imagético desse cômodo em diferentes casas da cidade. Ela fotografou camas, armários, acúmulos de objetos, possibilitando que cada uma dessas imagens funcione como uma espécie de “retrato indireto” de quem os habita.

Da mesma forma, o doméstico se converte em uma cartografia do desejo e da memória em *Casa da Ilha – Sala* (2017) e *Quarto de Banho* (2017), para os quais a artista retratou espaços vazios, mas saturados de vestí-

gios de presença. A casa, para Rochelle Costi, não era apenas um espaço físico, mas uma construção simbólica, afetiva e perceptiva. Um lugar onde convergem os corpos, os objetos, as memórias, os desejos e os fantasmas. E também um cenário onde se desdobra o infaordinário: esse murmúrio do habitual que constitui a matéria mais densa e significativa da nossa existência.

SOBRE ROCHELLE COSTI

1961, Caxias do Sul, Brasil-2022, São Paulo, Brasil.

A obra de Rochelle Costi trata da memória afetiva. Sua pesquisa parte de seu próprio repertório imagético, para então ser formalizada através da técnica apurada da fotografia, vídeos e instalações. O colecionismo e a fotografia não apenas se complementam, como também se fundem, levando o espectador a um confronto íntimo com esse universo, que passa a ser comum a todos.

SOBRE ALEXIA TALA

Curadora, pesquisadora e crítica de arte especializada em arte latino-americana, baseada entre Chile e Brasil. Foi curadora-chefe da 22ª Bienal de Arte Paiz – Guatemala 2021, e foi co-curadora na 1ª Bienal de Per-

formance Deformes no Chile, na 8ª Bienal Mercosul no Brasil, na 4ª Trienal Poligráfica da América Latina e do Caribe e na 2ª Bienal de Arte Paiz in Guatemala. Também foi curadora dos projetos SOLO latino-americanos no festival de arte Sp-Arte no Brasil e da exposição coletiva *Primavera Silenciosa*, na Luciana Brito Galeria, em 2023. Atualmente, é diretora artística da Plataforma Atacama.

SERVIÇO

“Rochelle Costi: A casa como laboratório”

Até 2 de agosto

Luciana Brito Galeria

Av. Nove de Julho, 5162, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda, das 10h às 18h; terça a sexta, das 10h às 19h; sábado, das 11h às 17h

Informações: Tatiana Gonçales – Whatswhapp (11) 98114-4103

E-mail: comunicacao@lucianabritogaleria.com.br

www.lucianabritogaleria.com.br

Casa da Ilha – Sala, 2017

Foto: Divulgação



Casa Cega, 2002

Foto: Divulgação





Foto: Vinicius Sá

FLECHA, de Mercedes Lachmann, ocupa a Casa França-Brasil, RJ

Inédita no Brasil, a grande instalação imersiva – com som, imagem e escultura – tem raízes em saberes ancestrais femininos e explora a conexão com o mundo vegetal. Apresentada em 2023 no Museu Internacional de Escultura Contemporânea (MIEC) de Santo Tirso, Porto, Portugal, a mostra chega ao Rio com mudanças que ampliam a ocupação conceitual do espaço expositivo

Em *Flecha* a artista enfatiza a centralidade da experiência com as mulheres erveiras, o que se evidencia logo à entrada, com a disposição performática de folhas de plantas tropicais, com que anteriormente Lachmann fez um grande bastão de defumação. Ao final da mostra,

no dia 3 de agosto, as folhas voltarão a compor um bastão que será queimado na parte externa da Casa.

"Para a exposição em Portugal", explica Mercedes, "o recorte curatorial usou a flecha como elemento



Foto: Vera Matagqueira

material e conceitual, interligando histórias, lugares e tempos em diálogo com o ecofeminismo e a arte ambiental. Na Casa França-Brasil, essas mesmas flechas, que cruzaram o Atlântico da Europa, são agora acolhidas por plantas e pelo conhecimento ancestral de mulheres, refletindo a força de suas vivências”, compara Lachmann.

O edifício neoclássico, no centro do Rio de Janeiro, assinado pelo arquiteto francês Grandjean de Montigny, foi inaugurado em 1820, como a primeira Praça do Comércio da cidade, então sede do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Esta função original da Casa também influenciou a artista a propor atravessamentos para criar uma experiência para o público em conexão viva com o território, que já foi “floresta”.

A EXPOSIÇÃO

A arte de Mercedes Lachmann aborda questões contemporâneas, como as do âmbito do Ecofeminismo e da Ecologia Profunda. Alguns de seus trabalhos dialogam com a arte ambiental e a Land Art. Até o início de 2019, a água foi elemento constituinte de sua poética. A partir do final daquele ano, a artista trouxe para a sua produção as possibilidades das plantas, ervas medicinais e aromáticas. Com as plantas, vieram a madeira e as folhas, que se alinham em colaboração e integração para multiplicar formas e experiências.

Na nave principal do edifício, a artista dispõe a instalação intitulada “Flecha”, composta por quatro linhas curvas, a cinco metros de altura, das quais pendem, quase tocando o piso, grandes folhas de plantas, como



Série *Totens*

Foto: Vinicius Sá

bananeira, palmeira, colônia e alpinia, elementos de um grande bastão de defumação – feito por Mercedes em colaboração com as Mulheres Erveiras da Mantiqueira em 2021, e tema do vídeo *O Dia Fora do Tempo*, que integra a exposição.

O sensorial tem função preponderante na proposta desta mostra: pelo espaço da nave central, o visitante é envolvido com sons do amanhecer na floresta amazônica, em loop, e aromatização natural com difusores.

Na abordagem de Lachmann, a Flecha de ferro, outro elemento desta exposição instalativa, aparece curva, formando círculos sobre o chão e na parede. Aqui a flecha é um símbolo que estabelece conexão entre o que está visível e o invisível.

Em outro segmento, que a artista intitulou *Arraste*, estão esculturas de madeira descartada, pós-desmata-

mento, e vidro soprado. *Arraste* é como os desmatadores chamam o momento de arrastar as toras para o ponto de escoamento.

Sobre o piso do circuito expositivo estão os *Totens* criados por Mercedes Lachmann. São esculturas de madeira, restos de desmate, trabalhadas, respeitando seus movimentos e cavidades. Eles surgem em composição com esferas de vidro com tinturas de ervas ou com outros vidros, bronze ou flecha.

A instalação *Tropirizoma* é “um jardim cinético”, como compara a artista, formado por 11 elementos verticais, cujas bases reproduzem as fases da lua, enquanto as hastes portam vidros, de formatos diversos, com tintura de planta. As hastes estão conectadas por um circuito elétrico que opera em três velocidades.

Reservada em uma área exígua do espaço, o Cofre, está a escultura de bronze *Fim e princípio*. O trabalho se refere à “circularidade do tempo, não a sua linearidade. *O zero, onde algo termina é exatamente onde começa*”, argumenta a artista.

PROGRAMA PARTICIPATIVO DURANTE A TEMPORADA DE FLECHA NA CFB

19 de julho – mostra de vídeos sobre mulheres erveiras, sob curadoria de Bianca Sevcic, naturologista e coautora do livro “*Eu mais velha*”;

25 de julho – o chamado *dia fora do tempo*, roda de conversa com mulheres erveiras;

3 de agosto – encerramento da exposição com a queima do bastão de ervas, na parte externa da CFB.

Fecha tem apoio da República Portuguesa e do Programa de Internacionalização do Departamento Geral de Artes de Portugal e curadoria da crítica de arte Cristiana Tejo.

SOBRE A ARTISTA

Mercedes Lachmann (RJ, 1964) é uma artista multidisciplinar, graduada em Comunicação Visual pela PUC-RJ, em 1986, e aluna de Paulo Sergio Duarte, Iole de Freitas, Fernando Cocchiarale, Charles Watson e Gianguido Bonfanti, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, RJ. Em 2018, foi indicada ao Prêmio Pipa; em 2020, passou a integrar o coletivo de artistas [@BoraGirls](#), que apoia

causas de mulheres em situação de vulnerabilidade com ações de arte e comunicação.

Lachmann começou a participar de coletivas em 2014, quando impressionou com o enorme barco encalhado na Praça Paris, no centro do Rio de Janeiro, na coletiva *Esculturas Monumentais*. Em 2017, integrou a curadoria de Gabriela Davies no projeto *Displacement Exhibition*, em Londres e na Villa Aymoré, RJ. Em 2020 e 2021, fez parte do coletivo de arte *Bora Girls*, na Blaze Image Gallery, em Londres, e *"Show para ninguém"*, com curadoria de Daniela Labra, no mesmo local. Em 2024, a convite da cocuradora Cristiana Tejo, participou de cole-



Tropirizoma



Fotos: Vera Matagqueira

Fim e princípio

Fotos: Divulgação



tiva na Fundação Bienal de Cerveira e fez uma intervenção na Biblioteca de Central do Porto, ambas em Portugal.

Com o coletivo [@BoraGirls](#), expôs em “*Convergência Botânica*”, no estúdio de Luzia Simons, em Berlim, Alemanha. Este ano integrou a coletiva “*Ainda não é o fim do Mundo*”, Paço das Artes, São Paulo. A artista fez individual, em 2019 e 2022 na Galeria Gaby Indio da Costa, no RJ, e, em 2023, no Museu Internacional de Escultura Contemporânea de Santo Tirso, no Porto.

SERVIÇO***Flecha – Mercedes Lachmann***

Até 3 de agosto

Casa França-Brasil

Rua Visconde de Itaboraí, 78, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a domingo, das 10 às 17h*Classificação*: livre

Grátis

Fotos: Vera Matagqueira





*Valentina,
the fastest
(série
Sugar
Children),
1996*

Foto:
Divulgação

VIK MUNIZ – A OLHO NU

Instituto Ricardo Brennand, no Recife, exhibe a mais completa retrospectiva do artista, percorrendo 37 diferentes séries produzidas desde os anos 1980

Com curadoria de Daniel Rangel, diretor do Museu de Arte Contemporânea da Bahia, e que acompanha há 25 anos o trabalho do artista, a exposição percorre um arco temporal dos anos 1980 até os dias de hoje, com mais de 200 trabalhos, que ocupam a Galeria Lourdes Brennand, do Instituto Ricardo Brennand. A mostra, que fica em cartaz até 31 de agosto, é uma realização do Instituto Ricardo Brennand em parceria com a Galeria Nara Roesler. Para esta exposição, Vik Muniz criou especialmente a obra *“Concretismo Clássico”* (2025), da série *“Relicário”*, em mármore, quartzito e granito, uma alusão aos seus trabalhos iniciais, tridimensionais, e às esculturas presentes no Instituto Ricardo Brennand.

“Vik Muniz é um ilusionista – um mágico na construção de imagens que não existem, mas que se tornam reais”, afirma Daniel Rangel. “Suas obras possuem camadas que tensionam diferentes questões de cunho poético – aspectos formais e processuais – e político, abordagens e relações que estabelece com o sistema da arte”. O curador complementa: “As obras dialogam com essas camadas do cotidiano, atravessando os espectadores por meio de um encantamento visual e um deslumbramento processual que despertam distintas interpretações cognitivas e sentimentos de afetividade e pertencimento”.

Para explicar o processo criativo de Vik Muniz, o curador chama o artista de *“fotógrafo agricultor”*, *“um jardineiro que utiliza sementes diversas – açúcar, chocolate, caviar, diamantes, brinquedos de plástico,*

revistas, cartões-postais e até mesmo resíduos — que florescem em potentes imagens, ‘re-retratando’ aquilo que parece já termos visto”. O artista cria imagens usando determinados materiais, e os fotografa. *“Isso captura nosso olhar e ativa nossa mente”*, assinala Daniel Rangel. *“Sem dúvida, Vik se tornou um dos principais fotógrafos agricultores da atualidade, seja por sua projeção internacional, seja pela longevidade de sua prática e pelas inúmeras séries que realizou”.*

Relicário Fetiche de Pregos, 2010

Foto: Divulgação



Além dos trabalhos iniciais de Vik Muniz, dos anos 1980, entre algumas das 37 séries de obras que compõem a mostra, constam *“Imagens de arame”*, *“Imagens de linha”*, *“Crianças de açúcar”*, *“Imagens de terra”*, *“Imagens de chocolate”*, dos anos 1990; *“Imagens de caviar”*, *“Imagens de diamantes”*, *“Pictures of Earthworks”*, *“Imagens de sucata”*, *“Imagens de lixo”*, dos anos 2000; *“Dinheiro Vivo”* (2022 e 2024), e obras feitas com manteiga de amendoim e geleia – *“Duas vezes Mona Lisa”* (1999), da série *“After Warhol”*; com um prato de macarrão e molho – *“Medusa Marinara”* (1997); ou com feijão: *“Che, a partir de Alberto Korda”* (2000).

UNIVERSO POPULAR

Daniel Rangel salienta ainda que a exposição *“aproxima a produção de Vik do universo (pop)ular, tão presente e recorrente na cultura nordestina – seja pela utilização de elementos do cotidiano, pela forma como os organiza ou pelas imagens que produz”*. *“Uma amálgama de temas, cores e materiais que pode ser observada em feiras livres, nas ruas e calçadas, nos bairros e festas populares, nas gambiarras, nos filmes da televisão, na liberdade das composições e na imaginativa criatividade do povo nordestino”*.

VÍDEO E LINHA DO TEMPO

No Octógono, dentro da Galeria Lourdes Brennand, há uma linha de tempo onde é exibido um vídeo com depoimentos de Vik Muniz.

SOBRE VIK MUNIZ

Vik Muniz nasceu em 1961, em São Paulo, de pais imigrantes do Ceará e de Minas. Ele tem ateliês no



Double Mona Lisa (Peanut Butter and Jelly) (série *After Warhol*), 1999

Foto: Divulgação



Medusa Marinara, 1997

Foto: Divulgação

Postcards from Nowhere São Paulo, 2014

Foto: Divulgação



Rio de Janeiro, Nova York e Salvador, e sua obra questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como açúcar, feijão, chocolate e até lixo, o artista compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas. Vik Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados.

Suas obras integram importante acervos, entre os quais Centre Georges Pompidou, Paris; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madri; Museum of Contemporary Art, Tóquio; Solomon R. Guggenheim Museum, e Museum of American Art, em Nova York, Estados Unidos; e Tate Gallery, Londres.

INSTITUTO RICARDO BRENNAND: ENCONTRO DA ARTE E DA NATUREZA

O Instituto Ricardo Brennand, aberto em 2002, consolidou-se como um polo cultural de grande relevância, promovendo exposições, eventos e atividades educativas que já atraíram mais de 3,5 milhões de visitantes de todo o Brasil e do mundo. Em 2014 e 2015, o Trip Advisor elegeu o Instituto como o melhor museu da América do Sul e o 17º do mundo. Já em 2017, foi eleito o melhor museu do Brasil no prêmio Traveller's Choice Award, destaque anual, pela plataforma Trip Advisor. Com sua arquitetura inspirada nos castelos medievais ingleses (estilo Tudor), possui instalações museológicas modernas, apresentando um acervo artístico e histó-

rico originário da coleção particular do pernambucano e fundador, Ricardo Coimbra de Almeida Brennand, com destaque para a coleção Frans Post e o Brasil Holandês. O centro cultural da Várzea, em Recife, ocupa uma área cercada por reserva de mata atlântica onde ficam distribuídos seus espaços de exposição: Pinacoteca, Castelo São João, Galeria Lourdes Brennand e a Capela Nossa Senhora das Graças.

A exposição tem o patrocínio do BC Investimentos S.A., a partir da Lei de Incentivo Federal à Cultura, do Ministério da Cultura.

SERVIÇO

“Vik Muniz – A Olho Nu”

Até 31 de agosto

Instituto Ricardo Brennand

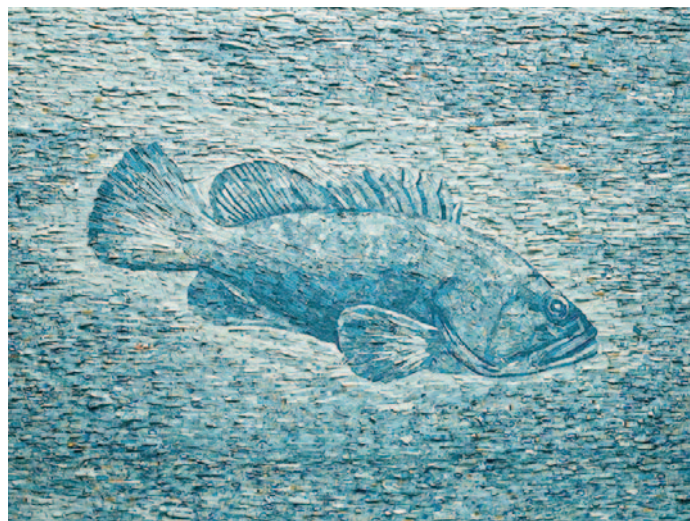
Alameda Antônio Brennand, s/n, Várzea, Recife / PE

Dias/Horários: terça a domingo, das 10h às 17h

(última entrada às 16h30)

Ingressos: <http://www.institutoricardobrennand.org.br>

e na bilheteria local | Informações: (81) 2121-0365 / 0334



Dinheiro Vivo, Garoupa, 2022

Foto: Divulgação



*Atlas
Carlão
(série
Pictures
of
Garbage),
2008*

Foto:
Divulgação



Lugar para un Nacimiento

Foto: Divulgação

Primeira individual de JOSÉ MANUEL BALLESTER na DAN Galeria Contemporânea, SP

A mostra *Sobre aquilo que permanece invisível*, do espanhol José Manuel Ballester, propõe uma reflexão profunda e poética sobre o apagamento das figuras humanas em obras-primas da arte ocidental, e como esse gesto altera nossa percepção das imagens e da memória coletiva. A curadoria é assinada por Luiz Armando Bagolin.

Ballester foi laureado com o Prêmio Nacional de Gravura (1999), o Goya de Pintura da cidade de Madri (2006) e o Prêmio Nacional de Fotografia da Espanha (2010). Sua pesquisa o levou a apropriar-se de obras

icônicas – como *A Última Ceia*, de Leonardo da Vinci, *O Nascimento de Vênus*, de Botticelli, e os afrescos de Giotto – eliminando digitalmente os personagens centrais. O que resta são cenários vazios, prontos a serem preenchidos pela memória, pela imaginação e pela subjetividade do espectador.

Os trabalhos do artista levam o público a contemplar não apenas o que está presente, mas sobretudo o que foi retirado. Os fundos – antes coadjuvantes – tornam-se protagonistas, revelando-se como espaços de silên-

cio e suspensão. Sobre aquilo que permanece invisível transita entre a filosofia e a arte, evocando o intervalo entre percepção e linguagem descrito por pensadores como Aristóteles e Borges.

A exposição divide-se em núcleos temáticos: em obras como *Lugar para um Nascimento* e *Primavera*, as figuras mitológicas de Botticelli desaparecem, deixando apenas paisagens etéreas. Já em *La Ciudad*, *Navidad* e *El fuego*, os cenários religiosos de Giotto se transformam em cidades vazias, quase maquetes despovoadas de milagres. Em *Jardín del Arte*, Ballester cria um jogo de sobreposições ao reintroduzir personagens de diferentes obras numa cena de Bosch.

Outro destaque da exposição é a série *Variaciones a partir de Malevich*, onde o artista revisita o suprematismo, desconstruindo o rigor geométrico modernista e transformando-o em dança ótica, aproximando-se mais da crítica contemporânea do que do idealismo de vanguarda.

Segundo o curador Luiz Armando Bagolin, a mostra convida o visitante a experimentar a tensão entre presença e ausência, questionando o próprio estatuto da imagem e o que vemos quando o essencial nos é aparentemente retirado.

Ballester já expôs em instituições como o Museu Reina Sofia (2005), Real Academia de Espanha em Roma (2012) e o Frost Art Museum, em Miami. Sua obra integra acervos de museus e coleções ao redor do mundo. Representado no Brasil pela DAN Galeria, o artista chega a São Paulo com uma mostra que, como

afirma o galerista Flavio Cohn, “oferece uma oportunidade rara de pensar o invisível – aquilo que se esconde à vista de todos”.

SERVIÇO

Sobre aquilo que permanece invisível, de José Manuel Ballester

Até 14 de agosto

DAN Galeria Contemporânea

Rua Amauri, 73, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábados, das 10h às 13h

Entrada gratuita

www.dangaleria.com.br



De cima para baixo: *Primavera*; *Jardín del Arte*

Fotos: Divulgação

O CANTO DA VILA



Pescador

Foto: Divulgação

Mais de 30 obras inéditas de Mulambö compõem a primeira mostra do artista em seu ateliê, em Saquarema, cidade na Região dos Lagos, RJ

O artista visual Mulambö, com trajetória consolidada em museus e galerias no Brasil e no exterior, apresenta pela primeira vez uma exposição em Saquarema, cidade onde nasceu e mantém seu ateliê. A mostra fica em cartaz até 20 de julho – coincidindo com o período do campeonato mundial de surfe (WSL). Em setembro, será exibida no Museu da República, no Rio de Janeiro.

“Mulambö trabalha com uma visualidade gráfica marcada por símbolos populares e uma forte presença do afeto. Sua obra parte da memória pessoal para construir um território coletivo, onde fé, mar, festa e identidade se cruzam. Ele não apenas retrata Saquarema – ele a recria com olhar poético, político e profundamente enraizado”, destaca a curadora Isabel Portella.

Na mostra, a religiosidade ocupa papel central, com destaque para duas figuras que protegem e abençoam o imaginário da cidade: Iemanjá e Nossa Senhora de Nazaré. O mar também ganha protagonismo como personagem vivo – espaço de lazer, ofício e contemplação – que abriga pescadores, surfistas, crianças e salvavidas. A exposição também celebra as paixões populares da região: o futebol, as festas religiosas, o carnaval e até os animais que habitam o litoral, como caranguejos e quero-queros. Por fim, uma bandeira criada pelo artista representa, em forma gráfica e afetiva, essa Saquarema reinventada – um símbolo do pertencimento e da memória coletiva, costurado à mão por sua avó.

“Essa exposição tem um significado muito forte pra mim. É uma forma de devolver pra minha cidade um trabalho que sempre falou sobre ela. Eu cresci aqui, minha família toda está aqui, e meu ateliê fica na casa



Bandeira de Saquarema

Foto: Divulgação

onde minha avó nasceu. Poder mostrar esse universo afetivo e popular onde tudo começou é uma conquista”, afirma Mulambö.

Embora seja a primeira vez que expõe na cidade, Saquarema sempre esteve no centro de sua produção. É de lá que vêm os personagens, os rituais, as paisagens e os sentimentos que habitam seu trabalho. As pinturas que compõem *O Canto da Vila* – feitas com cores chapadas e estética gráfica, sobre madeira – traduzem cenas do cotidiano e das festas populares da cidade, além de figuras simbólicas que habitam sua memória afetiva. A disposição das obras no ateliê cria uma ambiência viva, em que o visitante é convidado a entrar nesse universo com acolhimento e informalidade. *“Tem sofá, música, café... É como se eu estivesse recebendo todo mundo na minha casa”,* resume o artista.

Uma das peças mais emblemáticas da exposição é a bandeira de Saquarema criada pelo artista, inspirada na heráldica dos antigos brasões e costurada por sua avó. *“É a costura da memória afetiva com a identidade*

visual. Um símbolo inventado a partir do que nos liga ao lugar”, afirma a curadora.

A exposição foi selecionada pelo edital *Fluxos Fluminenses*, da Secretaria de Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro, através da Lei Aldir Blanc, e terá uma segunda etapa, entre setembro e outubro, na Galeria do Lago, no Museu da República, no Rio de Janeiro.

SOBRE O ARTISTA

Nasceu João (1995) e cresceu Mulambö, na Praia da Vila em Saquarema, Rio de Janeiro. Em seu trabalho, se utiliza de símbolos e materiais cotidianos em busca de uma refundação das narrativas que cercam as manifestações do povo. O artista participou de diversas mostras, entre as quais *Quilombo: vida problema e aspirações do negro* (2022) e *Direito a Forma* (2023) em Inhotim; *Dos Brasis* (2023) no Sesc Belenzinho; *Histórias Brasileiras* (2022) no MASP; *Um defeito de cor* (2022) e *Casa Carioca* (2020) no Museu de Arte do Rio; *Enciclopédia Negra* (2021) na Pinacoteca do Estado de São Paulo; *Brasil Futuro* (2023) no Museu Nacional da República; *SWEAT* (2021) na Haus der Kunst em Munique, Alemanha.

Entre as mostras individuais, destacam-se *Tudo Nosso* (2019) no Museu de Arte do Rio; *Prato de Pedreiro* (2019) no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica; *O penhor dessa Igualdade* (2022) no CCSP; *Out of Many, Muchos Más* (2021) na Das Schaufenster em Seattle nos Estados Unidos, e *Punta de Lanza* (2023) na Home-session em Barcelona na Espanha. Suas obras fazem parte de acervos como da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte do Rio, MAC Niterói e Inhotim.

SERVIÇO

O Canto da Vila, de Mulambö

Até 20 de julho

Ateliê do artista

Praia da Vila, Saquarema / RJ

Entrada gratuita



Igreja

Foto:
Divulgação



Salvamento da baleia

Foto:
Divulgação



Truco

Foto:
Divulgação

Mostra antológica de NEIDE DE SÁ e panorâmica de FLAVIO IMPÉRIO na Pinacoteca de São Paulo



Neide de Sá

Foto: Wilton Montenegro

Flávio Império, *Sem título*, 1981

Foto: Divulgação



NEIDE SÁ: VIDA, DOCE MISTÉRIO

A pesquisa da artista busca compreender o poema como objeto gráfico que extrapola o alfabeto, traduzindo a linguagem em signos e ícones visuais

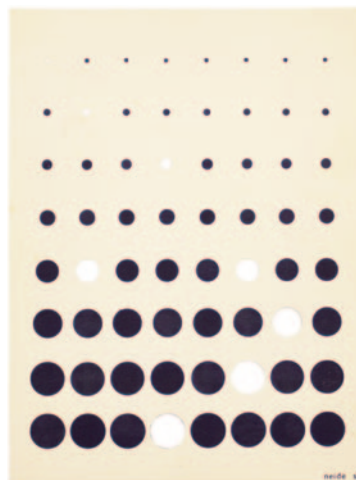
A exposição *Neide Sá: vida, doce mistério* reúne um recorte significativo da produção da artista, evidenciando sua atuação como arte-educadora, a multiplicidade de linguagens e suportes de seu trabalho e também sua pesquisa de materiais. Essa trajetória responde a questões específicas de cada época: da novidade dos acrílicos, cores e formas de impressão entre os anos 1960 e 1970 ao retorno a narrativas sobre uma origem civilizatória no Brasil, que alcançava 500 anos de chegada dos portugueses na virada dos anos 1990 para os 2000.

As 97 obras em exposição abrangem o período de 1960 até os anos 2000, conectando o começo de carreira da artista a sua produção mais recente. Com curadoria de Lorraine Mendes, a mostra conta com uma sala com obras interativas, como *“Momento”* (1967), *“Reflexível”* (1977) e *“Nós & nós”* (2004). A curadoria deste espaço foi compartilhada com a Área de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo. Ali, o público pode tocar, interagir e compor seus próprios poemas.

Outra obra icônica apresentada é *“Ciclo infinito vida-morte”* (1968-2010), objeto-poema que, como seu nome anuncia, atravessa o tempo somente para voltar e recomeçar. Dispositivo de leitura desenvolvido pela artista, trata-se de um cubo em acrílico com uma das faces em aço e espelho. Depositado sobre um exposi-

tor, esse cubo materializa-se em um livro-metáfora, veículo de uma linguagem codificada criada por Neide em 1968 para refletir sobre a dinâmica e a contínua relação vida-morte-vida.

“Em um fluxo de abrir/fechar, manter/apagar, rever/refazer, viver/morrer, entre os parênteses e colchetes codificados pela artista, entre as camadas de tempo e o acúmulo de dobras, formas e gestos, percebemos um desejo por olhar e desvendar a linguagem e as relações humanas. Vemos a arte como veículo de interação e meio de comunicação, entre fazer refletir e desatar nós, criar e propor caminhos para lidar com aquilo que atravessa o tempo e de alguma forma permanece: a vida.”, afirma a curadora Lorraine Mendes no texto crítico.



Conjunto

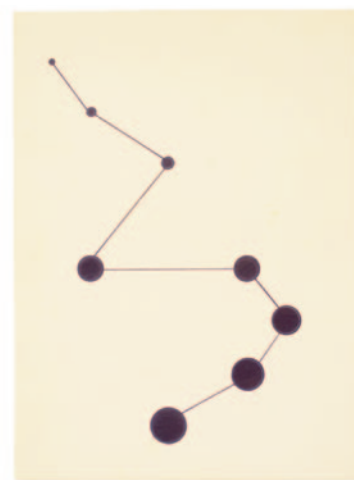
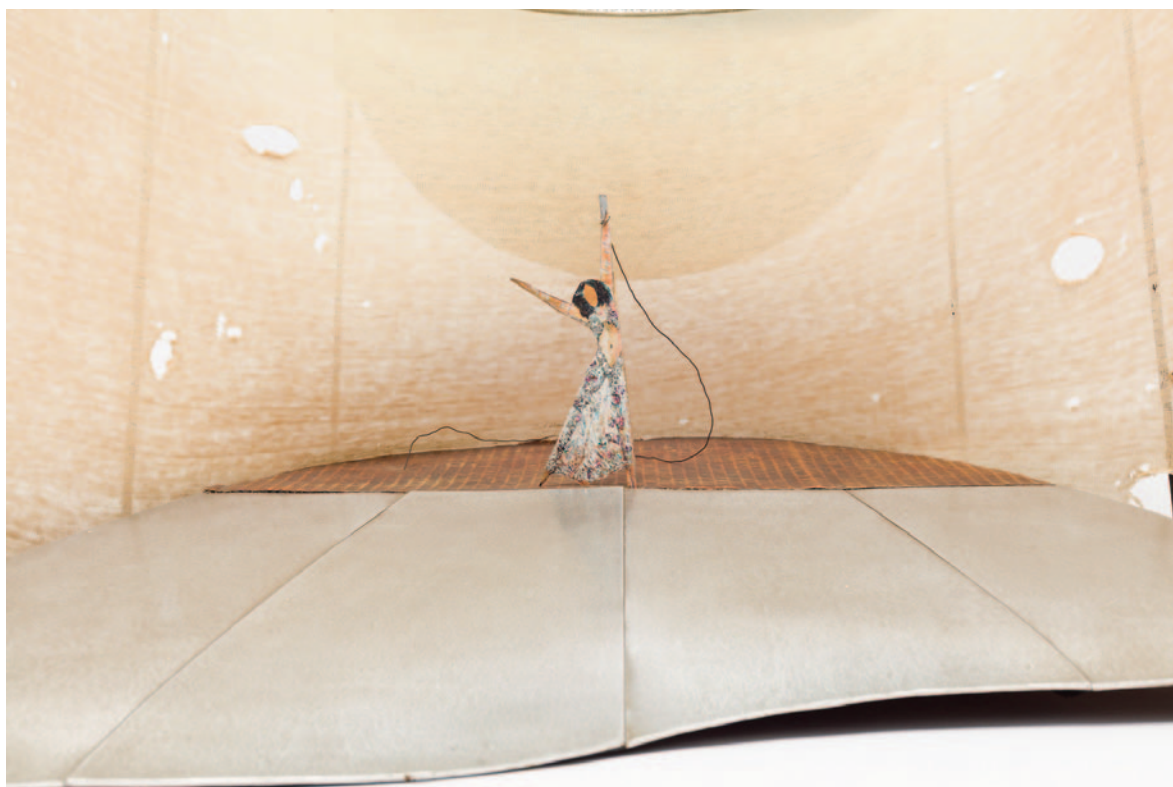


Foto: Cortesia Galeria Superfície

FLÁVIO IMPÉRIO: TENS A VONTADE E ELA É LIVRE

A mostra reúne mais de 300 trabalhos do artista multidisciplinar, considerado um dos precursores da cenografia no Brasil e o responsável por abrir caminho para práticas artísticas colaborativas, comunitárias e políticas que se desenvolveriam nas décadas seguintes



*Pássaro da manhã, 1977
Maquete:
Divulgação*

Flávio Império foi um artista brasileiro em que a atuação transdisciplinar marcou profundamente a cena cultural do Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Sua importância se dá não apenas pela multiplicidade de linguagens que dominava (como pintura, arquitetura, cenografia, teatro, design gráfico e do ativismo político), mas também pela maneira como ele as articulava

em uma prática artística crítica, engajada e transformadora. Império trabalhou com uma diversidade de materiais, produzindo serigrafias, pinturas, colagens, fotografia e documentários em super8.

“Flávio Império olha para cultura popular de um jeito extremamente original no meio artístico da época.

Homem de teatro, buscava mais que estereótipos das personagens, mas como elas viviam, as soluções que davam para produzir a vida no cotidiano subdesenvolvido no país. Como pintor, filho de imigrantes do Bexiga, muitas vezes se entendeu mais como artesão do que como artista”, diz Yuri Quevedo, curador do museu e pesquisador da obra de Flávio Império (1935-1985) há 16 anos.

DESTAQUES

A exposição propõe ao público uma imersão em diferentes momentos e manifestações da produção do artista, ressaltando a coerência e a liberdade que orientam sua prática tão diversa. Entre os destaques estão o projeto de figurino “fogo”, desenvolvido especialmente para a cantora Maria Bethânia para a peça *Rosa do Ventos* (1971), além dos estudos para capa do disco *Doces Bárbaros* (1976), que estão na segunda sala da mostra. Uma maquete descreve o projeto que o artista fez para o show *Pássaro da Manhã* (1977) de Maria Bethânia. Em um momento em que a ditadura militar começa a enfraquecer e surgem os movimentos de abertura, Império concebe um cenário em que a cantora surge de uma noite escura no fundo e vai gradualmente se aproximando da plateia ladeada por tecidos que representam a alvorada. No show Bethânia canta lembrando os amigos que foram exilados.

Além disso, pela primeira vez em 60 anos, as obras *UDN... Respeitosamente o extinto era muito distinto*, *Generals in General* e *Marchadeira das famílias bem pensantes*, que integraram a antológica exposição *Opinião65*, no MAM-RJ, poderão ser vistas juntas. O



Plena de graça, 1971

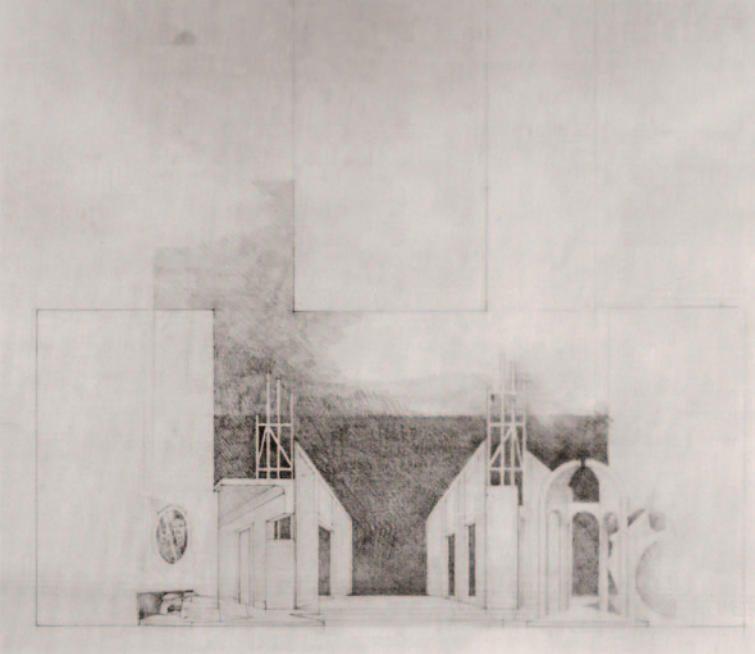
Foto: Divulgação

público poderá ver ainda a maquete da peça *A falecida* (1983), desafio enfrentado por Flávio Império de conceber um cenário para a peça de Nelson Rodrigues que não queria nada sobre o palco.

A mostra tem apoio Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), que emprestou 38 desenhos originais do artista, parte da coleção de mais de 10 mil itens que conserva.

SOBRE A EXPOSIÇÃO

Dividida em três núcleos, a exposição mostra a tra-



Projeto de cenário da peça *A falecida*, 1983, perspectiva, catálogo de Matrizes, Filiais & companhias, SESC, 1979, Acervo Flávio Império, © Flávio Império

Foto: Reprodução / Site do artista



Projeto de cenário da peça *Pano de Boca*, 1976, Acervo Flávio Império, © Flávio Império

Foto: Reprodução / Site do artista

jetória do artista que tem produção concentrada no período da ditadura militar. A primeira sala, *A pintura nova é a cara do cotidiano*, mostra um artista que busca nos tipos sociais e na cultura de massas uma tradução satírica para a ditadura militar e o imperialismo estadunidense. Neste espaço estão os trabalhos da década de 1960, como aqueles que foram para as exposições *Opinião65* e *Propostas65*.

Na segunda sala – *Aspectos do Inconsciente Coletivo na Comunicação de Massas* – estão reunidos os trabalhos mais introspectivos do artista, nos quais ele procura na subjetividade popular uma nova coletividade. São bandeiras de São João, Oguns, máscaras e outros símbolos que se fundem com a comunicação pop. É aqui que começa sua parceria com Fauzi Arap e Maria Bethânia. Nessa sala, há também o curioso cenário pensado para *Pano de Boca* (1976) momento em que o artista ocupa um teatro em ruínas e cria ali a representação para o inconsciente de um ator.

Por fim, a terceira sala – *Mãos e mangarás* – mostra suas viagens de ônibus pelo interior do Brasil e o interesse por modos de fazer diversos. Aqui vemos o artista se interessar mais intensamente pela serigrafia e a repetição de motivos que lhe são caros: as mãos e a flor de bananeira – chamada de Mangará. É possível observar Império interpretar em imagens da natureza os rendimentos da revolução sexual e de costumes levada a cabo nos anos 1970. O arco-íris aparece como uma marca de uma sociedade mais diversa, com novos atores políticos que começam a surgir na década de 1980.

O artista morre em 1985, adoecido pelo HIV. É um dos primeiros casos notórios do Brasil, tratado pela imprensa com preconceito e desconhecimento. Ano passado, durante o show de Madonna, seu retrato apareceu entre os homenageados durante a canção *Live to tell*.

BETHÂNIA, AMIGA E MUSA

A tríade constituída pela cantora Maria Bethânia, o di-

retor de arte e figurinista Flávio Império (1935-1985) e diretor Fauzi Arap (1938-2013) começou com a produção de *Rosa do Ventos* (1971), que marcou época pela maneira original que combinava o espetáculo teatral e o show de música popular. A cenografia e os figurinos de Flávio Império envolviam a cantora e eram parte do significado do show. No espetáculo, havia trechos de textos de Clarice Lispector (1920-1970) e Fernando Pessoa (1888-1935); a construção do cenário foi desenvolvida em parceria com a Casa das Palmeiras, da médica e psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999).

O artista ainda elaborou plasticamente outras seis montagens da intérprete: *A Cena Muda* (1974); *Os Doces Bárbaros* (1976), este com Gil, Caetano e Gal; *Pássaro da Manhã* (1977); *Maria Bethânia* (1979); *Estranha Forma de Vida* (1981) e *20 Anos de Paixão* (1985). No programa do último trabalho, dirigido por Bibi Ferreira, Bethânia homenageou o amigo recém-falecido.

SOBRE O ARTISTA

Flávio Império (1935-1985) formou-se em arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), mas desde cedo transitiu entre os campos do teatro, das artes visuais e do urbanismo. Essa fluidez entre disciplinas era uma questão de habilidade técnica, mas sobretudo de um posicionamento crítico frente às compartimentalizações acadêmicas e ao elitismo da arte tradicional. O artista faleceu em decorrência do HIV, em 1985, aos 50 anos de idade.

Flávio Império, *Andorra*,
Teatro Oficina, 1964 Foto: Divulgação

SERVIÇO

Neide de Sá: vida, doce mistério

Até 14 de setembro

Edifício Pina Luz – Segundo Andar

Praça da Luz, 2, São Paulo / SP

Flávio Império: tens a vontade e ela é livre

Até 1º de fevereiro de 2026

Edifício Pina Contemporânea | Grande Galeria

Av. Tiradentes, 273, São Paulo / SP

Dias/Horários: de quarta a segunda, das 10h às 18h
(entrada até 17h)

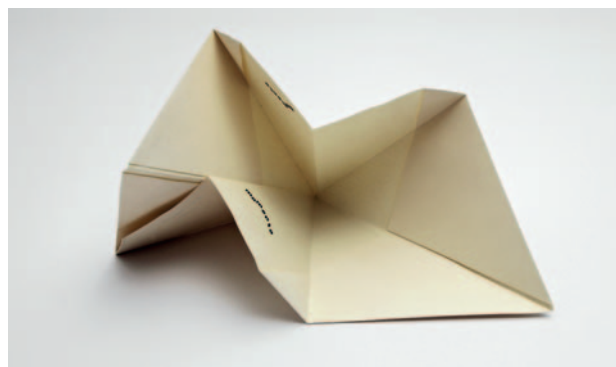
Gratuitos aos sábados – R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00 (meia-entrada), ingresso único com acesso aos três edifícios – válido somente para o dia marcado no ingresso
2º domingo do mês – gratuidade Mantenedora B3

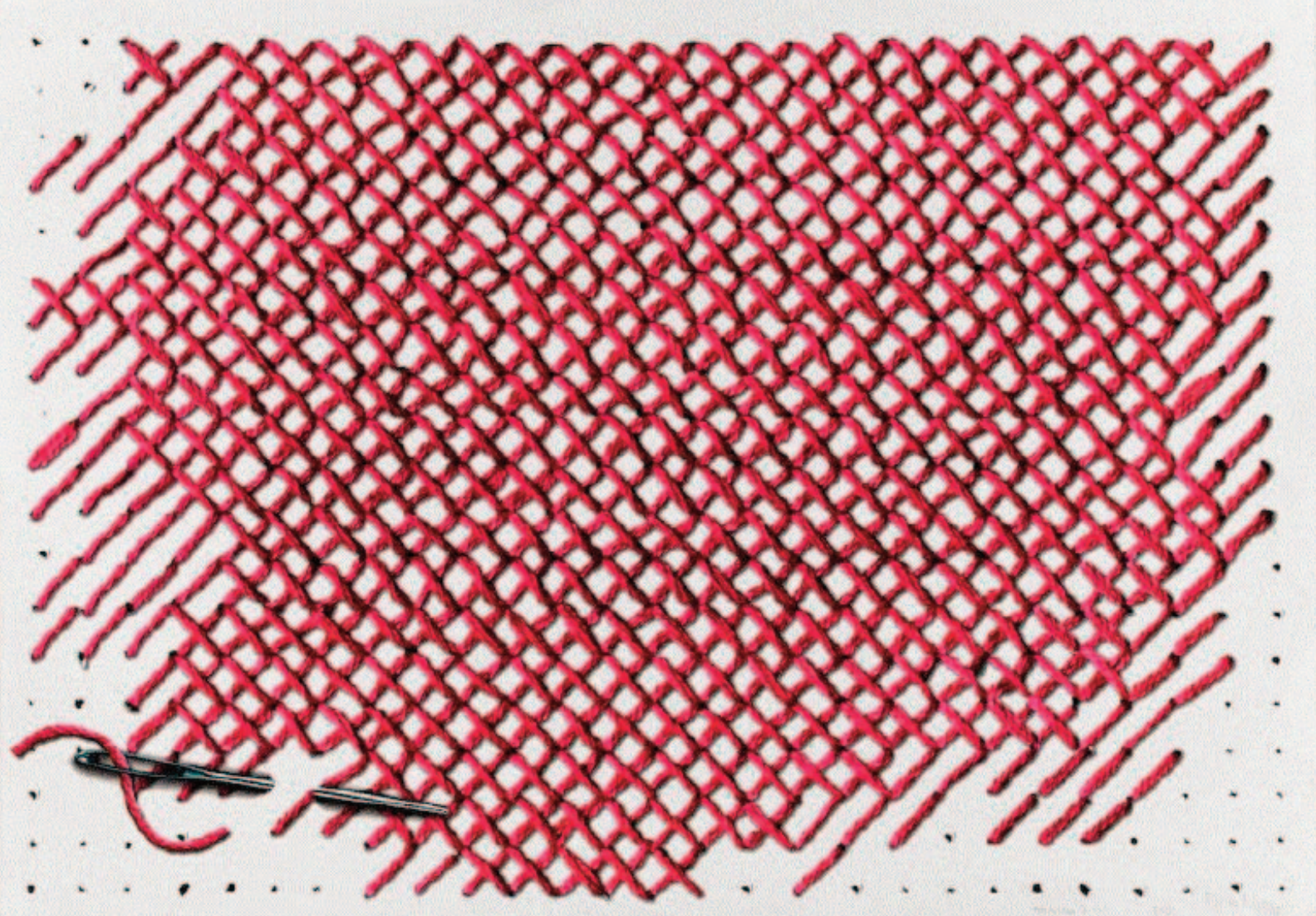
<https://pinacoteca.org.br/>

As duas exposições são apresentadas por Bradesco e patrocinadas por Livel, na categoria Platinum, Mattos Filho, na categoria Ouro e Nescafé Dolce Gusto, na categoria Prata.

Neide de Sá

Foto: Wilton Montenegro





Tramada (Pink), 2014

Foto: Divulgação

Regina Silveira pela primeira vez em Salvador

Mostra inédita na capital baiana apresenta instalações, gravuras e objetos de Regina Silveira, trabalhos que exploram o bordado como linguagem visual, histórica e crítica.

Entre os destaques, a obra formada por tramas vermelhas que ganha uma reativação inédita adaptada à fachada de vidro da galeria

Luciana Brito Galeria e Galatea Salvador apresentam *Regina Silveira: Tramadas*, a primeira exposição individual da artista na capital soteropolitana, com abertura no dia 4 de julho, das 18h às 21h. A inauguração da mostra coincide com a semana da Independência da Bahia, celebrada no dia 2 de julho.

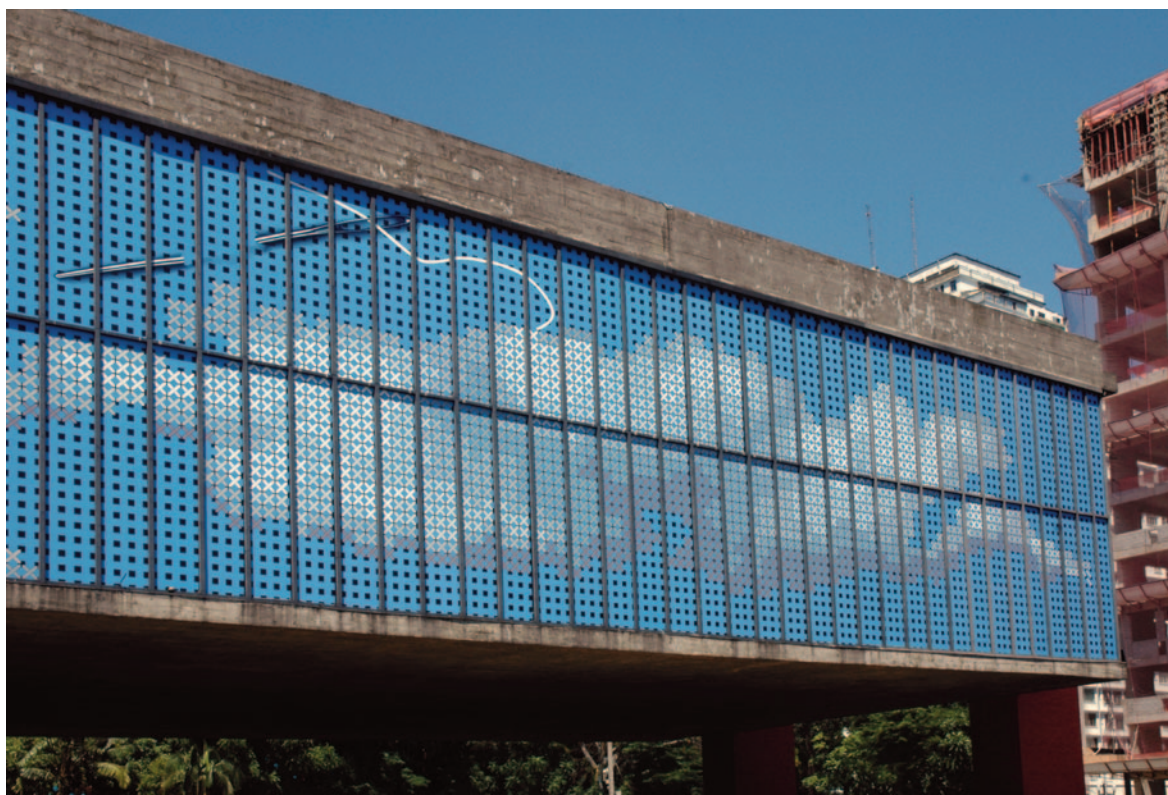
Fruto de uma parceria inédita, a exposição tem curadoria de Adriano Casanova e Tomás Toledo, conta com texto crítico de Ana Maria Maia e reúne obras emblemáticas de Regina Silveira, muitas delas inéditas no Brasil, que sintetizam sua pesquisa em torno do bordado ao longo dos anos. Elemento recorrente na obra

de Regina Silveira desde 1999, o uso do bordado em ponto de cruz, entendido como codificação da imagem, remete a uma herança trans-histórica e intercultural, relacionada à própria história remota da alfabetização das mulheres, em sua trajetória de resistência.

Uma grande instalação site-specific é destaque da mostra *Tramadas*, que acontece no espaço da Galatea em Salvador, localizado no térreo do Edifício Bráulio Xavier, na Rua Chile, a primeira rua do Brasil. *Malfeitos*, da série dos “bordados malfeitos”, ganha uma reativação inédita adaptada à fachada de vidro da galeria, convidando o público a conhecer mais. A obra – formada por tramas de linhas vermelhas acompanhadas por uma agulha, sem respeitar qualquer ordem de construção – é realizada como aplicação de vinil adesivo e permite “janelas” de observação para o espaço interno.

Malfeitos rememora mais de quinze anos de produção de Regina Silveira sobre a temática do bordado aplicado a espaços arquitetônicos, período no qual algumas obras, mesmo que efêmeras, permanecem no imaginário do público, como *Tramazul*, que ocupou por alguns meses, desde o final de 2010, a fachada do MASP com bordados de nuvens no céu azul, e a *Trapped Pink*, quando habitou um ambiente amplo na Trienal Internacional de Artes Gráficas, em Varsóvia, na Polônia, em 2017.

Antes disso, desde 1999, Regina Silveira já investigava a construção de imagens gráficas a partir da codificação das diferentes tramas de bordados. Ao longo dos anos, a artista se apropriou de imagens em revistas de bordados que encontrou ao redor do mundo, como referências para suas criações. Outros trabalhos apre-



Tramazul,
MASP – São
Paulo, 2010

Foto: Cristine de Bem



Alfinete, da série *Armarinhos*, 2001

Foto: Divulgação



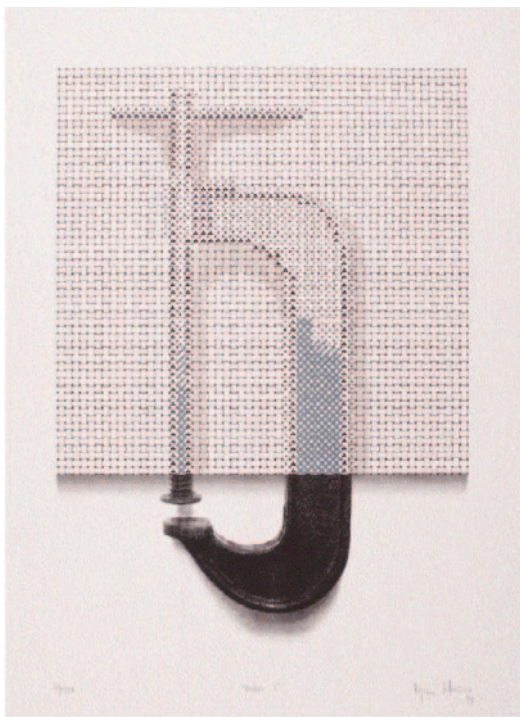
Botão, da série *Armarinhos*, 2002

Foto: Divulgação

sentados na exposição ilustram bem essa trajetória até o presente.

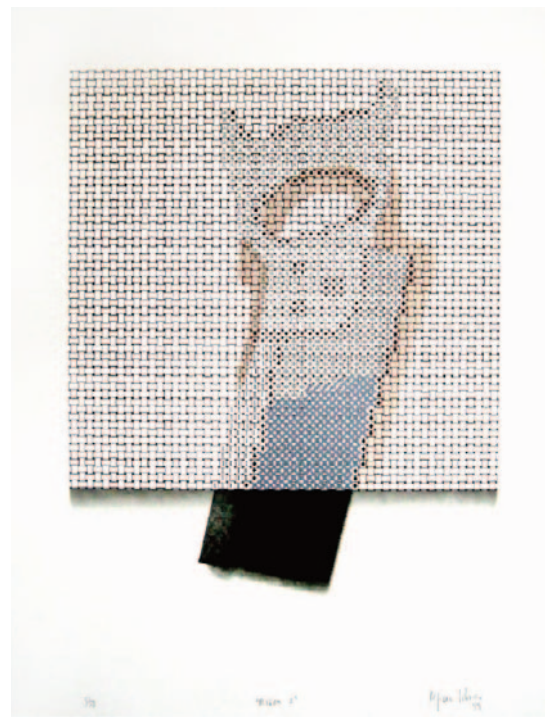
Ao fundo da galeria, em paralelo à instalação *Malfeitos*, a mostra apresenta *Dreaming of Blue II* (2016), painel em cerâmica com sobrevidrado, em diálogo com a série histórica de gravuras *Risco* (1999), encomendada na época pela Escola de Comunicações e Artes da Univer-

sidade de São Paulo para distribuição a museus brasileiros. A série apresenta tramas codificadas como uma espécie de véu que deixa transparecer objetos duros, como ferramentas, comparáveis às impressões sobre alumínio, feitas anos depois (serie *Tramada*, 2015), que parecem aprisionar objetos similares. A exposição também reúne gravuras da série *Armarinhos* (2002-2003), representando elementos relacionados à



Risco 1, 1999

Foto: Divulgação



Risco 2, 1999

Foto: Divulgação

prática do bordado, como agulha, botão e alfinete, além das serigrafias *Tramada (Pink)* (2014) e *Blue Skies* (2015).

Também fazem parte da mostra as maquetes *Tramazul* (2010) e *Casulo* (2025), que remetem à ocasião em que Silveira aplicou tramas bordadas, impressas e recortadas em vinil adesivo sobre vários ônibus de linhas municipais que circularam normalmente durante a 16ª Bienal Internacional de Curitiba, em 2016.

SOBRE REGINA SILVEIRA

1939, Porto Alegre. Vive e trabalha em São Paulo.

A pesquisa artística de Regina Silveira questiona as formas ortodoxas e pré-estabelecidas de representação, levando-a a trabalhar novas possibilidades de significações. Suas obras exploram o espaço arquitetônico e contextual, geralmente causando estranhamento, por

meio do deslocamento das nossas referências comuns. Regina Silveira é conhecida por sua pesquisa sobre as distorções da perspectiva, tridimensionalidade e estudo das sombras, que emprega em grandes instalações site specific, recortes em laminados de madeira ou vinil adesivo, projeções luminosas, gravuras, porcelanas e vídeos digitais.

SERVIÇO

Regina Silveira: Tramadas

Abertura: 4 de julho, das 18h às 21h

Período expositivo: de 4 de julho a 11 de outubro

Galateia Salvador

R. Chile, 22, Centro, Salvador / BA

Dias/Horários: terça a quinta, das 10 às 19h; sexta, das 10h às 18h; sábado, das 11h às 15h

<https://www.galatea.art/>

<https://www.lucianabritogaleria.com.br/>



Casulo,
16ª Bienal
Internacional
de Curitiba
Foto: Divulgação

O SUSSURRO DOS BASTIDORES

Maria Hermínia Donato



Order an Object appointment

Foto: Bet Bettencourt

Há lugares que nos falam baixo. Não com a pompa das vitrines iluminadas, nem com a autoridade de legendas definitivas – mas com o sussurro das coisas guardadas, com a intimidade do que quase foi esquecido. Assim é o V&A East Storehouse, o novo museu-depósito do Victoria and Albert Museum, inaugurado em maio de 2025, em Stratford, no leste de Londres.

Localizado dentro do East Bank, no Queen Elizabeth Olympic Park, o Storehouse abriga mais de 250 mil objetos, 350 mil livros e 1.000 arquivos. Tudo isso, que por décadas ficou invisível nos bastidores do museu em South Kensington, agora repousa à vista, organizado com rigor e delicadeza.

Caminhar por suas estantes é como percorrer os bastidores de uma mente coletiva: há figurinos teatrais do século XIX lado a lado com projetos arquitetônicos contemporâneos; moldes de gesso e joias, maquetes, cerâmicas, rascunhos, tecidos. Obras-primas e fragmentos compartilham o mesmo espaço, su-gerindo que a história da arte não



De cima para baixo:
*View of Weston Collections Hall, which features
over 100 mini curated displays*

Foto: David Parry, PA Media Assignments;

Foto: Kemka Ajoku for V&A;

Foto: Kemka Ajoku for V&A



The 1924 front stage cloth for the Ballets Russes' production, Le Train Bleu, designed by Pablo Picasso

Foto: David Parry, PA Media Assignments

se escreve só com o que foi mostrado – mas com tudo aquilo que foi cuidadosamente guardado.

O gesto de abrir o acervo ao público não é apenas estético. É também ético. É um posicionamento político em tempos de revisão institucional. Ao lado de iniciativas como o Depot Boijmans Van Beuningen, em Roterdã, e o Visible Vault do National Building Museum, nos EUA, o V&A East Storehouse representa uma virada: o *“open storage”* deixou de ser proposta radical para se tornar estratégia legítima de acesso e aprendizado e questionamento. Como afirma o escritor, crítico e historiador de arte Hal

Foster, *“há um impulso arquivístico no coração da arte contemporânea”* – e ele pulsa aqui com força visível.

O que mais me convenceu da importância do museu foi o público. Ao meu redor, pessoas pareciam estar entrando num museu pela primeira vez; adolescentes atentos a detalhes que normalmente passariam despercebidos, discutiam sobre a procedência, o material ou a técnica dos objetos; famílias que exploravam as estantes com uma curiosidade quase infantil. Um museu onde o que move a visita não é a obrigação cultural, mas o desejo real de descobrir.



Essa curiosidade, celebrada por Deleuze como forma de pensamento, parece ser a alma do Storehouse. Nada é imposto. Ao contrário: os objetos nos olham de volta. Nos pedem pausa. Nos convidam à escuta.

A visita pode ser livre ou aprofundada. É possível solicitar até cinco objetos específicos para serem vistos de perto, em sessões mediadas por pesquisadores. O espaço oferece ainda salas educativas, uma biblioteca ativa, oficinas de restauro e um café/restaurante. Tudo isso com entrada gratuita, respeitando o princípio de que a cultura, para ser viva, precisa ser compartilhada.

O V&A East Storehouse não quer ensinar com superioridade, mas dividir com generosidade. Ele propõe um novo tipo de encontro com a arte – mais próximo, mais humilde, mais sensível. Um encontro que nos devolve à pergunta fundamental: o que merece ser guardado? E por quê?

Talvez a resposta esteja ali mesmo, entre uma prateleira de aço e uma vitrine de vidro, onde repousa o tempo e onde começa, discretamente, o museu do futuro.

SERVIÇO

V&A East Storehouse*

Queen Elizabeth Olympic Park, Stratford, Londres E20 3BS
 Estação mais próxima: Stratford (metrô, trem e DLR)

De cima para baixo:

DS+R, V&A East Storehouse Foto: ©Hufon+Crow;
View of the exquisite 15th century carved and gilded wooden ceiling, the Torrijos Ceiling, from the now lost Torrijos Palace in Spain Foto: David Parry, PA Media Assignments;
Welcome area at V&A East Storehouse Foto: Kemka Ajoku for V&A

Aberto diariamente, das 10h às 17h (última entrada às 16h)
Entrada gratuita

Mais de 250.000 objetos, 350.000 livros e 1.000 arquivos
Requisição de até cinco itens para visualização detalhada
via programa *Order an Object* (online ou presencial)

**V&A East Storehouse, uma nova atração cultural exclusiva
e loja em funcionamento, como parte da East Bank
no Parque Olímpico Rainha Elizabeth, vam.ac.uk/east
vam.ac.uk/storehouse**

** Há seis objetos de grande escala para serem vistos. Após um extenso trabalho de conservação e instalações complexas lideradas pela equipe de Serviços Técnicos, destacam-se entre eles: o Escritório Kaufmann dos anos 1930, o único interior completo de Frank Lloyd Wright fora dos Estados Unidos; um requintado teto de madeira entalhado e dourado do século XV, proveniente do hoje desaparecido Palácio de Torrijos, próximo a Toledo, na Espanha; e uma Cozinha de Frankfurt em escala real, projetada por Margarete Schütte-Lihotzky, que revolucionou o design de cozinhas no século XX.*



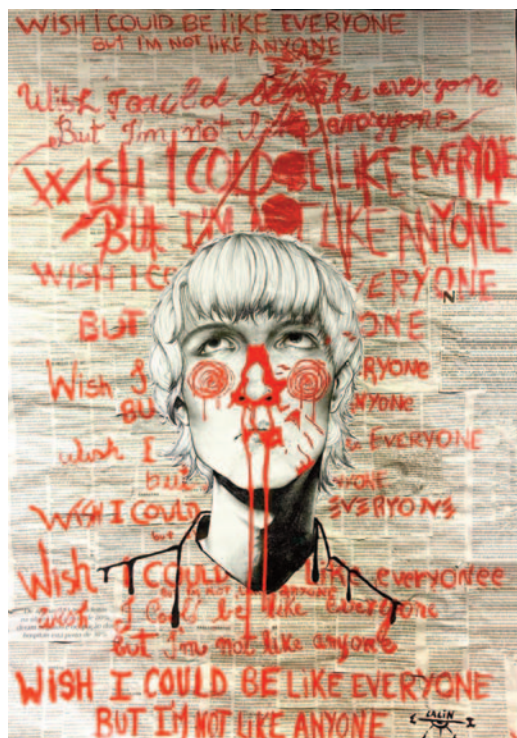
View of the Weston Collections Hall

★ CURTINHAS ★

Lalin Witch, no Espaço Cultural Correios Niterói, RJ

"Onde Eles Não Têm Vez" é o título da mostra de Lalin Witch, em cartaz no Espaço Cultural dos Correios Niterói, RJ. A exposição, segundo a artista, propõe ao espectador entrar em contato com si mesmo, sem filtros. – *A intenção é provocar uma reflexão sobre nossas atitudes e buscar a humildade capaz de questionar nossa conduta* – afirma. A curadora Paula Ramagem revela que as obras selecionadas para a exposição, com técnicas e tamanhos diversos, exploram os sentimentos, as revoltas e as aceitações necessárias para o conhecimento de si mesmo. – *A força dos trabalhos de Lalin Witch confirma a artista como a nova promessa da arte brasileira* – ressalta.

De 5 de julho a 16 de agosto | Espaço Cultural Correios Niterói, RJ
Av. Visconde do Rio Branco, 481, Niterói / RJ | Dias/Horários: de segunda a sexta, das 11h às 18h; sábado das 13h às 18h



Lalin Witch,
Freak
Foto:
Divulgação

Celina Portella e Felipe Góes, na Zipper Galeria, SP



Celina Portella,
Faz tempo que queria fazer isso,
2025

Foto: Divulgação

Uma, nenhuma e cem mil, mostra de Celina Portella, reúne um conjunto inédito de trabalhos em vídeo, fotografia, gravura e instalação, aprofundando as investigações da artista sobre corpo, matéria e percepção – agora, também com ênfase na fragmentação da imagem e seu ocultamento. Ao ocultar o rosto em diversas obras, a artista retira da figura a sua marca mais evidente de identidade, abrindo espaço para leituras que ultrapassam o autobiográfico. O título remete ao romance de Luigi Pirandello que conta o impasse existencial de um sujeito que se vê dividido entre a imagem que tem de si e as múltiplas imagens projetadas sobre ele pelo olhar do outro.

Já o ponto de partida conceitual da exposição *Ser Ilha*, de Felipe Góes, dialoga com a poética de Manoel de Barros (1916-2014) e o fenômeno natural que originou Surtsey – ilha formada no Atlântico sul da Islândia em decorrência de uma erupção vulcânica. Barros transformava coisas mínimas em matéria filosófica, celebrando o “desimportante” com lirismo e humor. Seus termos – como “ser”, “transver” e “desformar” – oferecem chaves sensíveis para pensar a lógica interna das pinturas de Góes, marcadas por camadas, apagamentos e reconstruções. Em suas telas, o artista sobrepõe camadas de tinta para criar imagens que não se fixam completamente – evocam formas que emergem e se desfazem, como se fossem fragmentos de um mundo em lenta deriva.

Uma, Nenhuma e Cem Mil – Celina Portella | Ser Ilha – Felipe Góes | Até 19 de julho | Zipper Galeria | R. Estados Unidos, 1494, São Paulo / SP | Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h; sábado, das 11h às 17h

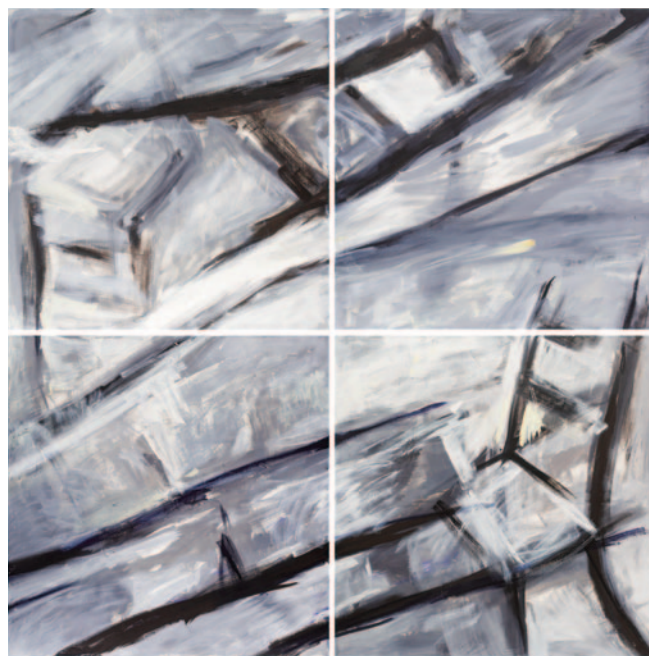


Felipe Góes, *Pintura 360*, 2020 Foto: Divulgação

Teca Sandrini no Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, PR

Um recorte da produção da artista curitibana Teca Sandrini, desde a década de 1960 até a atualidade, está reunido na mostra “*Eterno Feminino*” no Museu Oscar Niemeyer (MON). Com curadoria de Maria José Justino, a exposição apresenta 126 obras, entre pinturas, desenhos, gravuras e esculturas, divididas em três núcleos que revelam grandes fases distintas da trajetória da artista: “*Polacas*”, “*Fragmentos*” e “*Manchas*”. A primeira aborda signos do cotidiano doméstico ao apresentar mulheres donas de casa em afazeres de rotina; a segunda flerta com o surrealismo e a abstração; a última exhibe as limitações e dificuldades de visão da artista – a fase mais recente de sua obra, em que brinca com as formas.

Eterno Feminino, Teca Sandrini | Abertura: 3 de julho, 19h | Museu Oscar Niemeyer (MON) | Rua Marechal Hermes, 999, Centro Cívico, Curitiba / PR | Dias/Horários: terça a domingo, das 10h às 18h (acesso até as 17h30)



Teca Sandrini, *Eterno Feminino* Foto: Divulgação

“Quimera”, de Fernando Lindote, na Anita Schwartz, RJ

Mostra apresenta 12 pinturas inéditas produzidas pelo artista em 2025, com variação de técnica, estilo, escala e densidade. Embora florestas, jardins, vasos e flores apareçam como um repertório visual recorrente, Lindote não trata a natureza como temática, mas como ponto de partida para refletir sobre o próprio ato de pintar. “Esses temas funcionam como um motivo pra mim. Através deles, estabeleço a relação das coisas que quero pensar e dizer sobre pintura”, revela. A partir dessa conexão figurativa, o artista propõe que o espectador vá além do tema e se detenha no fazer: nas pinceladas, na incidência da luz, nas cores e texturas. Lindote mergulha nesse gesto técnico e reflexivo a partir do estudo de diferentes períodos da história da arte, da filosofia e das formas de ver o mundo de cada época.

Abertura: 16 de julho, às 19h | Encerramento: 23 de agosto | Anita Schwartz Galeria de Arte | R. José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, Rio de Janeiro / RJ | Tels.: (21) 2540-6446 | (21) 99603-0435
Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h; sábado, das 12h às 18h



“Direito ao afeto”, de Panmela Castro, na Lagoa Rodrigo de Freitas, RJ

A artista e ativista Panmela Castro ocupa o Pavilhão Victor Brecheret no Parque da Catacumba, na Lagoa Rodrigo de Freitas, com a exposição “Direito ao Afeto”. A mostra propõe um gesto coletivo, uma ação contínua e aberta ao público que pode participar ativamente do processo. Em alguns dos fins de semana, a artista estará presente no espaço, realizando pinturas ao vivo, a partir de flores enviadas pelo público à galeria da exposição. – Um ritual de escuta, cuidado e presença – ressalta Panmela. A curadoria é de Keyna Eleison. No dia 12 de julho, às 13h, será realizada uma oficina de modelo vivo botânico, comandada pela artista. A atividade será gratuita e aberta a crianças e adultos de todas as idades. Na oficina, o público será convidado a desenhar e pintar flores e plantas do Parque da Catacumba, em um formato aberto e participativo.

Direito ao Afeto, de Panmela Castro | Até 2 de agosto | | Dias/Horários: terça a sexta-feira, das 11h e às 15h (mediante agendamento prévio); sábados e domingos, das 10h às 16h (sem necessidade de agendamento) | Oficina de Modelo Vivo Botânico – 12 de julho, às 13h | Pavilhão Victor Brecheret, Parque da Catacumba, Av. Epitácio Pessoa, 3000, Lagoa, Rio de Janeiro / RJ

Panmela Castro pintando

Foto: Divulgação



Fernando Lindote, *El arbol de uno*, 2025 Foto: Divulgação

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868